

TEATRO

# MONÓLOGO A TRÊS

**Antônio Roberto Gerin**

*Texto registrado na Fundação Biblioteca Nacional, sob o n. 498.230*

## Personagens

Molina	(Deputado, 44)
Fernando	(Professor Universitário, 44)
Augusto	(Juiz, 44)
Berta	(Secretária do deputado)
Bárbara	(Assistente do professor)
Carmen	(Oficiala de Gabinete do juiz)
Helena	(Estudante, 17)

*Ao fundo, há três mesas, sendo a primeira, à esquerda, imponente, entalhada em madeira escura, ocupada por Augusto. Sobre ela, há um telefone, alguns enfeites em bronze, com motivos jurídicos, uma garrafa de licor e duas pequenas taças, pilhas de processos, um deles aberto, no qual Augusto faz constantes e demoradas consultas. Seu gabinete está sempre banhado por uma luz um tanto mortiça, sóbria, de tons amarelados. A mesa do meio está ocupada por Fernando. É enorme, desproporcional ao tamanho da sala, mas não imponente, sobre a qual há muitos livros dispostos de forma desordenada, uma máquina de somar antiga, um porta-carimbos, um porta-retratos de uma mulher e dois aparelhos de telefone antigos. A luz é fria e abundante. Atrás da mesa, ergue-se uma enorme janela, cujas esquadrias apresentam sinais visíveis de deterioração. À direita, está a mesa ocupada por Molina, bem feita, elegante, guardando certa leveza, apesar do tom carregado da madeira. Sobre ela, veem-se três aparelhos de telefone de feitio e cor diferentes, um copo de uísque, que ele vai bebericando enquanto lê o jornal espalhado diante de si. Ao lado direito, uma sacada, cuja porta estará sempre aberta, de*

*onde vem a luz natural do dia, e à noite, a luz elétrica da rua, ambas sempre se misturando à luz fraca do ambiente. Os três vestem terno. Molina, o mais elegante; Augusto, o mais sóbrio; e Fernando um tanto desleixado, inclusive trazendo sempre a gravata, de modelo fora de moda, frouxa. Molina, quando bêbado, trará também a gravata frouxa.*

*A secretária, a assistente e a oficiala de gabinete, todas na faixa entre 30 e 35 anos, sendo Carmen a mais nova, podem ser representadas pela mesma atriz. Berta, apesar de dedicada e compreensível, e de se permitir certas intimidades, está afetivamente sempre na defensiva, criando no relacionamento com Molina barreiras que prefere, a contragosto, intransponíveis. Revela-se às vezes irônica, como forma de reagir a seus recalques. Bárbara é movida por interesses interpessoais, sente-se atraída pelas aparências sociais, e apesar de se esconder atrás de um certo formalismo teatral, está sempre disponível e suscetível a novidades profissionais e afetivo-sexuais. Carmen está claramente apaixonada por Augusto, insinua-se, é boa ouvinte, demonstra saber o que quer, e sempre que pode tenta ultrapassar as barreiras formais impostas pelo cargo de juiz que Augusto, de uma forma bastante rígida e às vezes insegura, assume.*

*A personagem Helena será representada pela mesma atriz que fará Carmen. Também as personagens Molina, Fernando e Augusto serão representadas cada uma pelo mesmo ator quando das respectivas cenas de adolescência, aos quinze e dezessete anos.*

*As cenas de memória serão representadas com seus respectivos cenários. O banco do colégio sob a amendoeira, a cantina, a fachada do bordel e o quarto de Gilda serão descritos com os necessários detalhes nas rubricas ao longo do texto. Os figurinos poderão ser trocados ao longo da apresentação, principalmente as gravatas, como forma de marcar as mudanças de tempo, obedecendo, se for o caso, à proposta de encenação.*

## ATO I

*Molina, Fernando e Augusto aos 44 anos.*

- MOLINA *(Folheia o jornal, com gestos bruscos. Beberica. Consulta o relógio. Berta está sentada a distância, lixando as unhas.)* - Cinco horas ainda?! Estranho... Eu consultei o relógio faz tempo e já eram quase cinco! *(Verifica o relógio. Conclusivo.)* Está funcionando. Saco, como o tempo não passa! *(Volta para o jornal. Aponta-o e sorri.)* Quem acreditar nessa lorota tem mesmo é que se foder! *(Ri.)* Tudo em nome da democracia. Imbecis. *(Pausa.)* Você acredita na democracia, Berda? *(Toca o telefone. Ansioso.)* Deixa que eu atendo! *(Atende.)* Sim! *(Decepcionado.)* Só isso! (...) É pouco, Geraldo! *(Irrita-se.)* Mas é pouco! Estou nervoso, sim! Está todo mundo me tirando votos e vocês não querem me ajudar. Desse jeito, eu não vou me reeleger. Preciso de mais dinheiro. Muito mais do que essa merreca! O dobro, pelo menos. A quantidade de candidatos mais que duplicou nesta eleição, a concorrência aumentou. Não interessa, vire-se! Arranje! *(Duro.)* Vocês estão querendo me foder, sim! Eu não sou idiota! *(Desliga. Nervoso, beberica. Grita.)* Berda!
- BERTA *(Continua a lixar as unhas.)* - Eu estou aqui, doutor Molina.
- MOLINA Vamos aumentar a lista de convidados.
- BERTA Mas é a terceira vez que o senhor...
- MOLINA Vou dobrar de novo!
- BERTA Quem é que vai pagar a conta?

- MOLINA O partido.
- BERTA Será que vão concordar?
- MOLINA (*Irrita-se.*) - Eu ainda trago muitos votos pra eles!
- BERTA (*Em tom de dúvida.*) - Já foi melhor...
- MOLINA (*Reage.*) - Culpa de quem? Minha que não é! (*Pausa.*) É aniversário de quinze anos da minha filha, mas dane-se! Vai ser uma festa política. Vamos convidar todo mundo. Todos os empresários, até o padeiro. (*Olha para Berta. Está inseguro.*) O que você acha, Berda?
- BERTA Pobre da sua filha...
- MOLINA Não se ganha eleição sem dinheiro, Berda.
- BERTA Quem vamos convidar?
- MOLINA (*Aborrecido.*) - Eu vou pensar nos convidados.
- BERTA Não temos muito tempo.
- MOLINA (*Maliciosamente, autoconfiante.*) - Já sei, vamos atacar o campo inimigo!
- BERTA (*Desconfiada.*) - Lá vem o senhor com seus golpes.
- MOLINA Não existe política sem golpes, Berda! Se eu quisesse ser santo, eu seria monge. (*Enfatiza.*) Vamos convidar quem dá dinheiro pra oposição. Vamos tomar o dinheiro deles! (*Anima-se.*) Vai ser a maior festa de aniversário de quinze anos de que se tem notícia. Eu sou fodão, Berda! Eu sempre consegui tudo!
- BÁRBARA Com licença, professor.
- FERNANDO (*Consulta um livro. Voz calma.*) - Sim.
- BÁRBARA Estão aqui as notas dos alunos. A média continua caindo...
- FERNANDO (*Pega os papéis.*) - Os jovens de hoje não querem saber

de estudar, Bárbara!

BÁRBARA É o que parece, professor Fernando!

FERNANDO Só querem saber de baderna, isso sim. Baderna e... sexo!

AUGUSTO *(Folheando um processo com uma espátula de marfim, sem tocá-lo. E o faz pausadamente. Esse comportamento se repetirá ao longo da peça. Assim como predominará nele um tom de voz monocórdio.)* - Trinta e um, trinta e dois, trinta e três, trinta e...

MOLINA *(Beberica. Algo chama-lhe a atenção no jornal. Berta lixa as unhas.)* - Essa charada eu conheço. Essa eu conheço! Você tem nove pérolas perfeitas, mas uma delas pesa mais que as outras. Você tem que descobrir em até três pesagens qual delas é a que pesa mais. *(Larga o jornal, faz o gesto de balança, sopesando as duas mãos. Encantado, como se relembresse.)* Meu Deus! Quanto tempo eu não resolvo uma charada...! O velho Malba Tahan! *(Pausa. Beberica.)* Desde os tempos de colégio que eu não mexo com isso... *(Pensativo.)* Onde será que andam aqueles cretinos?

BÁRBARA *(Em pé, ao lado da mesa, segurando alguns papéis, à espera.)* - O senhor vai assinar esses documentos agora, professor?

FERNANDO *(Pegando os papéis.)* - Você gosta de charadas, Bárbara?

BÁRBARA *(Fazendo cara de nojo.)* - Quem gosta é meu marido.

FERNANDO *(Assinando.)* - Eu coleciono charadas. Desde os tempos de colégio. Pretendo publicar um livro. Pena que você não gosta. Você podia me ajudar.

BÁRBARA *(Séria, reagindo.)* - Pensar demais me deixa nervosa!

FERNANDO *(Entregando os papéis.)* - Então, é melhor não pensar, Bárbara!

MOLINA Posso até imaginar por onde anda o Fernando. *(Para. Em dúvida.)* Vendedor de livros... Ou mofando atrás de um

balcão? (*Conclusivo.*) Bem a cara dele! Balcão de mercearia... Ou boteco? Já sei! Bordel. Claro! Cafetão! Tarado como era! (*Gargalha.*) O Augusto era outro bosta. Devagar em tudo. Pra foder então... só empurrando! Será que virou advogado? Não, era muito medroso. Corretor de imóveis... Está aí! Corretor de imóveis! Medroso e covarde, mas era esperto. Berda!

AUGUSTO (*Folheando processo com a espátula.*) - Sessenta e sete, sessenta e oito, sessenta e nove... setenta..., setenta e um, setenta e dois, setenta e três... (*Carmen se aproxima. Nervosa. Sem olhá-la.*) O que a senhora quer, dona Carmen?

CARMEN O processo da dona Jussara, doutor Augusto.

AUGUSTO (*Sem levantar os olhos.*) - Ainda não decidi.

MOLINA (*Beberica.*) - Berda!

BERTA (*Atenciosa, mas sem pressa. Está cansada.*) - Sim...

MOLINA Tenho mais dois convidados pra lista.

BERTA (*Irônica.*) - Mais dois pro partido pagar. Seu Geraldo vai gemer de raiva.

MOLINA Aquele velho safado que se dane! Ladrão de urna! Pensa que não sei?

BERTA (*Disfarçando.*) - Eu não sei de nada.

MOLINA Mas eu sei! Ele é ladrão. (*Muda o tom, conclusivo.*) Esses dois convidados são por minha conta. São velhos amigos. Faz muito tempo que não vejo os cretinos. (*Conclusivo.*) Merecem uma mesa especial. Quero eles na minha mesa!

BERTA O senhor não me disse o nome deles.

MOLINA (*Pensando.*) - Ahn... sim! Fernando Costa... Pinto! E... Augusto Paiva Leite! (*Apressa-se.*) Os endereços não sei. E não faço a menor ideia.

BERTA Vou procurar na lista telefônica.

- MOLINA Boa, Berda!
- BERTA Como é que eu vou saber se são eles?
- MOLINA Pergunta se conhecem o deputado Molina. O Molina do colégio. Vão se lembrar na hora.
- AUGUSTO *(Folheando processo com a espátula.)* - Cento e setenta e três, cento e setenta e quatro, cento e setenta e cinco, cento... *(Carmen se aproxima. Sem olhá-la.)* Pois não, dona Carmen?
- CARMEN O processo da dona Jussara, doutor Augusto.
- AUGUSTO Eu ainda estou analisando.
- CARMEN *(Agoniada.)* - É que o filho dela ligou de novo...
- AUGUSTO Esse rapaz não tem o que fazer da vida, não?
- CARMEN Ele está contando que o senhor vai despachar hoje!
- AUGUSTO A senhora disse isso pra ele?!
- CARMEN Não, doutor Augusto. Mas ele acha que sim! Isso é muito importante pra mãe dele.
- AUGUSTO *(Para de folhear. Aborrecido.)* - Diga pra ele que eu tenho cinco mil processos pra analisar. O da mãe dele não é o único!
- FERNANDO *(Colocando o telefone no gancho, surpreso.)* - Ô caralho, o Molina lembrou de mim! *(Solene.)* Deputado Molina, o grande filho da puta!
- MOLINA Então, quer dizer que o Fernando é professor de matemática, Berda?
- BERTA Parece que é.
- MOLINA Professorzinho de matemática. *(Pensativo.)* Foi ser professor só pra comer as alunas.
- CARMEN O senhor atende ao telefone, doutor Augusto?



- AUGUSTO Quem é?
- CARMEN (*Segura, decidida.*) - Da parte do deputado Molina. O senhor conhece?
- AUGUSTO (*Reagindo, para de folhear o processo.*) - Claro, dona Carmen! Lógico que eu conheço! Deixe-me falar com ele.
- CARMEN É a secretária...
- AUGUSTO (*Perde o interesse.*) - O que ela quer?
- CARMEN O endereço. Pra enviar um convite.
- AUGUSTO (*Volta a manusear a espátula.*) - Tudo bem, pode dar.
- CARMEN (*Saindo, volta-se.*) - O senhor quer que ela envie pra sua residência ou pra cá?
- AUGUSTO (*Inseguro.*) - É... é melhor pra cá.
- FERNANDO (*Lê a correspondência.*) - Esse Molina é um cínico. Depois de vinte anos, me manda um convitinho de aniversário da filha. Sem dizer uma palavra. Nem um bilhetinho, nem um cumprimento, nem um... alô! O que é que eu posso pensar desse deputado de merda? (*Ironicamente conclusivo.*) Que ele é um merda. (*Afasta o convite, como que para ler melhor.*) Olha o cinismo...! Colocou o nome na filha de Helena!
- MOLINA O que é que eu vou dizer pro Fernando e pro Augusto? Agora é que parei pra pensar nisso. Faz um tempão que a gente não se vê. Desde que terminamos o colégio.
- CARMEN (*Entra apressada.*) - Sim, doutor Augusto!
- AUGUSTO O que a senhora acha, vou ou não vou à festa?
- CARMEN O senhor quer ir?
- AUGUSTO Não sei.
- CARMEN O senhor acha que deve ir?

- AUGUSTO Não sei...
- MOLINA Ber-da!
- BERTA Sim!...
- MOLINA Eu não queria ter convidado aqueles cretinos pra festa da minha filha.
- BERTA Que cretinos, deputado?
- CARMEN *(Entra, Augusto para de folhear. Interrompendo-o. E um tanto aflita.)* - O filho da dona Jussara, doutor Augusto...!
- AUGUSTO *(Sentindo-se acuado.)* - Eu não vou atender. E a senhora sabe disso.
- CARMEN É que ele me disse que a mãe precisa fazer a cirurgia... É urgente! Já marcaram.
- AUGUSTO Como já marcaram? Eu ainda estou analisando o caso, dona Carmen! Isso é golpe! O rapaz está usando a mãe. A senhora sabe que é uma decisão difícil. *(Sério.)* Não deviam ter marcado a cirurgia. Eu não aceito pressões, dona Carmen! Manda ele desmarcar.
- MOLINA *(Abrindo-se em sorrisos.)* - Vem cá, Berda! Vamos conversar um pouco.
- BERTA *(Impaciente.)* - Nós não fazemos outra coisa, doutor Molina.
- MOLINA *(Falsamente irritado, espanto.)* - Berda, hoje você está muito chata!
- FERNANDO Bárbara!
- BÁRBARA O que foi desta vez, professor?
- FERNANDO Não vou à festa da filha do deputado.
- BÁRBARA *(Admirada.)* - O senhor vai recusar um convite de um deputado?!

- FERNANDO Bosta de deputado!
- BÁRBARA Ele conhece o senhor?
- FERNANDO Estudamos juntos no colégio.
- BÁRBARA (*Admirando-se que ele esteja recusando o convite.*) - Mas é o convite de um deputado, professor Fernando...!
- FERNANDO E daí? Podíamos nos encontrar num bar, depois do trabalho. Por que numa festa?
- BÁRBARA (*Excitada.*) - Uma festa é sempre mais chique!
- FERNANDO (*Para si mesmo.*) - Será que o Molina convidou o Augusto?
- BÁRBARA Quem é esse Augusto?
- FERNANDO Com certeza, convidou. Gostava mais dele que de mim. O Molina gosta de gente boba. Gente que lhe afague os colhões!
- BERTA Doutor Molina, o senhor precisa se preocupar mais com as pesquisas.
- MOLINA (*Indignado.*) - Essas pesquisas são todas mentirosas!
- BERTA Seria melhor o senhor parar um pouco com essa bebida.
- MOLINA Sabe quem me ensinou a beber, Berda?
- BERTA Nem imagino.
- MOLINA (*Em êxtase.*) - Gilda!
- BERTA (*Irônica.*) - Só podia ser mulher.
- MOLINA A melhor puta que Deus já criou.
- BERTA Me poupe dessas suas histórias, doutor Molina.
- MOLINA (*Tentando agarrá-la.*) - Venha cá. Somos amigos, não somos?

- BERTA *(Fugindo, mas sem raiva.)* - Amicíssimos...!
- MOLINA Você alguma vez iniciou um homem, Berda?
- BERTA *(Enojada com o estado alcoólico de Molina. Um tanto irascível.)* - Iniciei sim, doutor Molina!
- MOLINA *(Olhando-a, espantado.)* - Iniciou?! Quem?
- BERTA *(Irônica.)* - O quinto batalhão!
- MOLINA *(Analisando-a, sério.)* - Berda, o que é que você fez com o pobre do batalhão...?!
- AUGUSTO Eu estou com saudades do Molina e do Fernando. *(Pausa. Pensativo.)* Mas o que passou, passou.
- CARMEN Do que o senhor está falando, doutor Augusto?
- AUGUSTO *(Reage.)* - Coisa do passado.
- MOLINA Eu posso contar como foi minha primeira vez?
- BERTA Não.
- MOLINA Está com ciúmes?
- BERTA Eu não estou com ciúmes.
- MOLINA E também não está curiosa...
- BERTA *(Enfadada.)* - Também não estou curiosa.
- MOLINA *(Irrita-se.)* - Que raios de mulher é você, Berda?! Não sente ciúmes, não se interessa por sexo...! Estamos juntos há duas eleições e... nada!
- BERTA O senhor está bêbado. E meu nome é Berta. Ber-Tá!
- MOLINA Eu não estou bêbado, Ber... ber... Dá! Apenas uma nuvem negra cobre meus olhos. Só isso. Talvez um pouco embriagado. *(Silêncio.)* Você vai conhecer o Fernando. Ele também comia a Gilda.

- CARMEN Está acontecendo alguma coisa, doutor Augusto?
- AUGUSTO Não...
- CARMEN (*Apaixonada.*) - O senhor está triste. Mais triste que o normal.
- AUGUSTO A senhora percebeu?
- CARMEN O senhor anda calado, pensativo.
- MOLINA (*Solene.*) - Eu vou confessar, Berda! Detesto ser político. Acho uma merda!
- BERTA (*Irônica, lixando as unhas.*) - Eu bem sei o quanto o senhor detesta.
- MOLINA Você acha que eu adoro esta vida de não fazer nada...?
- BERTA (*Com ênfase, irônica.*) - Adora, doutor Molina, adora...!
- MOLINA Ficar aqui torcendo pra que um monte de imbecis vote em mim? Lá isso é vida? (*Bebe. Pausa.*) Está bem, eu adoro. O problema é ter que começar tudo de novo. A cada quatro anos. (*Irritado, acentuando o estado de embriaguês.*) Me irrita ter que ficar abraçando esses imbecis. Sorrir pros merdas.
- BERTA E saber que os merdas estão sendo enganados irrita o senhor, doutor Molina?
- MOLINA Votam em mim porque querem! (*Pausa. Tenta se acalmar. Beberica.*) Bom mesmo seria se todos os votos fossem meus pra sempre.
- BERTA (*Sem dar-lhe muita atenção.*) - Vida de político não é nada fácil.
- MOLINA (*Reage.*) - E não é mesmo!
- BERTA Hoje em dia então, ter que colocar a cara na tevê.
- MOLINA Aumentou a concorrência.

- BERTA *(Em tom de censura.)* - Em vez de ficar aí bebendo, o senhor devia era estar lá, *(Irônica.)* abraçando os imbecis.
- MOLINA Amanhã, Berda! *(Levantando o copo.)* Prometo. Amanhã...
- FERNANDO O Molina era um chato. Ele falava, nós ouvíamos. Tinha que ser tudo como ele queria. Meu Deus! Como falava aquele cara! Como cuspiam merda!
- MOLINA Sou a favor das pessoas medíocres, sim! O Fernando era o tipo de cara que não precisava de muita coisa pra ser feliz. Uma xoxota e pronto. *(Debochado.)* Quem diria... Professor de matemática! Coitada das alunas...! *(Voz alta e arrastada.)* O sonho dele é publicar um livro de charadas. *(Gargalha.)* Uma vez o Fernando disse que queria resolver todas as charadas do mundo. Ele me disse isso com toda a arrogância de um bosta! *(Pausa.)* Berda, você está aí?
- BERTA *(Lixando as unhas, ar distante.)* - Eu estou ouvindo...
- MOLINA O Fernando se achava o Malba Tahan do colégio. Não me lembro de tê-lo visto resolver uma charada sozinho! As difíceis! A Helena resolvia tudo. Ela e eu. O professorzinho não admitia, mas era a Helena e eu. O Augusto, com aquela cara de besta, ainda era mais esperto que ele. *(Pausa. Sério.)* O Augusto era quem realmente amava Helena.
- FERNANDO Será que o Molina me ajudaria a editar meus livros de charadas? O deputado bem que podia indicar uma editora. *(Vai aos poucos se empolgando.)* Vou editar primeiro o de charadas pra iniciantes. *(Lê o título.)* Charadas para Iniciantes! Podia dedicar o primeiro tomo pro Augusto! *(Surpreso, levanta-se.)* Tomo?! Isso! Tomo um, tomo dois, tomo três! Um livro por ano, tudo na prateleira! O tomo um eu vou dedicar ao Augusto. Ele não era muito de resolver charadas. Só gostava de charadas por causa da Helena. O Molina vai ficar com a dedicatória do tomo dois. *(Lê o título.)* Charadas para Iniciados. *(Declama.)* Ao meu colega... Não! Ao meu amigo, com quem junto comecei a percorrer os difíceis e

tortuosos caminhos da lógica... Lindo! Os caminhos da lógica e os deliciosos caminhos dos bordéis!

AUGUSTO *(Folheando.)* - Eu acho que não vou poder liberar esse dinheiro da dona Jussara. Se eu tiver que ficar com pena de tudo quanto é doente, isso aqui vira instituição de caridade. E a lei quem interpreta sou eu! *(Enfático.)* Mas eu ainda vou decidir...

FERNANDO *(Solene, sonhando.)* - O terceiro tomo, As Cem Melhores Charadas, do professor Fernando Costa Pinto, eu vou dedicar pra Helena.

MOLINA *(Beberica. Está bêbado.)* - Berda, eu vou contar pra você como foi minha primeira noite. Preste atenção! *(Gargalha, tosse.)* Era uma tarde de quinta-feira. Meu pai me disse. *(Imita o pai.)* Vai lá e procura a Gilda. Já está tudo pago. *(Retoma o tom.)* Eu já sabia onde ficava o puteiro. Eu tinha quinze anos. O velho safado tinha razão. Que mulher! *(Começa a tossir.)* Uma deusa, Berda! Uma deusa-dama!

BERTA O senhor tem que ver essa tosse, doutor Molina.

MOLINA Ela falava de um jeito... Era como se me convidasse pra entrar no paraíso. Só puta entende de amor... *(Exaltado, tosse.)* Só puta, Berda!

AUGUSTO *(Para de folhear o processo, serve-se de uma taça de licor. Consulta o relógio. Volta ao processo, vai folheando, enquanto beberica. Carmen entra, pressurosa e apaixonada, trazendo um processo na mão. Deposita-o sobre a mesa.)* - Obrigado, dona Carmen. *(Ele está inseguro.)* Quer tomar um licor? De laranja, o que a senhora gosta.

CARMEN *(Pondo-se à vontade, enquanto ele serve.)* - Adoro!

AUGUSTO *(Servindo-a.)* - Esse é especial. Tradição de família.

CARMEN *(Beberica. Animando-se.)* - Eu gosto do azedinho.

AUGUSTO Minha bisavó, minha avó, depois minha mãe... *(Olha*

*para Carmen, mas ela nada diz.)* Pena que minha irmã não quis aprender.

CARMEN Por quê?

AUGUSTO *(Sorri.)* - Ela só toma cerveja.

CARMEN E o senhor... aprendeu?

AUGUSTO Só a apreciar. *(Riem. Ele ergue a taça, em gesto de brinde.)*

MOLINA A Gilda me levou pro quarto como se eu fosse uma criança. *(Irritado. Berta põe-se a lixar as unhas rápida, excitada.)* Eu não era uma criança! Já sabia o que era foder. Já havia beijado na boca. *(Pausa. Beberica.)* Você conhece um quarto de puta, Berda?

BERDA Nem faço questão.

MOLINA Faz sim, Berda! Que mulher que não tem seu lado puta? O quarto era simples. Um abajur... Uma penteadeira. Cheia de perfumes baratos...! Mas o que me lembro mesmo é da colcha lilás, de matelassê. *(Exagera.)* Enorme, Berda! Enorme...!

AUGUSTO *(Olha atentamente para a porta, enquanto em modos furtivos abaixa-se, pega uma garrafa de uísque e se serve de uma dose. Mantém a taça de licor, vazia, diante de si. Beberica o uísque puro. Está angustiado. Começa a folhear o processo.)* - Mil e trinta e um, mil e trinta e dois, mil e trinta e três, mil e...

MOLINA A Gilda me esparramou pela cama. Eu não vi a Gilda se despir. Juro que não! Nua inteira. Ela nunca usava calcinha. *(Voz melosa, pedinte.)* Ah, eu queria tanto tirar sua calcinha, Gilda! *(Sério.)* Só um homem me tira a calcinha, Molina, só um! *(Sério.)* Depois, rindo, me esparramava pela cama... *(Descontrola-se.)* Mas eu não era besta! A calcinha é só pra quem você ama, não é, Gilda? *(Imitando com deboche a voz suave de Gilda.)* Deixa de ser criança, Molina...! *(Agressivo.)* Puta rameira!



- AUGUSTO O dia da festa do Molina está chegando.
- CARMEN *(De fora, voz alta. Finge-se surpresa.)* - É... Sábado agora! *(Insinuando-se.)* O senhor vai?
- AUGUSTO Não sei. *(Pausa.)* A senhora acha que eu devo ir?
- MOLINA Essa mania de me chamar de criança me irritava! *(Beberica. Deboche.)* O Fernando tinha tirado a calcinha dela. Vermelha, com rendas bem fininhas. Ele me garantiu. *(Em tom de desespero.)* Cheguei a Gilda na parede. É verdade, Gilda? Revirei tudo, não encontrei a calcinha vermelha. Deixa de ser criança, Molina! Criança o caralho! *(Dá um soco na mesa.)* Acertei um soco nela! *(Choroso.)* Em quem eu acreditava? Nela ou no Fernando?
- FERNANDO Faz mais de vinte e cinco anos... *(Pensa. Rabisca, faz a conta.)* Vinte e sete anos que a gente não se vê. Mas eu me lembro como se fosse hoje. *(Em tom de deboche.)* Molina..., o grande comedor! O fodão! O esperto! Achava que só ele e a Helena sabiam resolver as charadas. A Helena tudo bem. Mas você, Molina, ó, tinha o gogó no escroto!
- MOLINA E as pesquisas, Berda? Elas continuam mentindo?
- BERTA Tomara que estejam mentindo mesmo, doutor Molina!
- CARMEN *(Entrando. Vê Augusto bebericar.)* - Desculpe! Eu só vim...
- AUGUSTO *(Encabula-se.)* - Amanhã! Amanhã eu vou decidir...!
- CARMEN O que, doutor Augusto...?!
- AUGUSTO O caso da dona Jussara.
- CARMEN Ah, sim! Amanhã...!
- AUGUSTO *(Olha para o copo de uísque, força um sorriso, tenta justificar.)* - É final de expediente, eu... resolvi me descontraír um pouco...

- CARMEN *(Contorna a mesa.)* - É bom se descontraír, doutor Augusto! *(Insinuante, sem disfarçar o ar apaixonado.)* O senhor está precisando sair um pouco, se divertir...
- AUGUSTO *(Angustiado.)* - Eu tento, dona Carmen, eu tento...! *(Pega o licor. Pressuroso.)* A senhora gostaria?
- CARMEN Hoje não, doutor Augusto!
- AUGUSTO *(Decepcionado.)* - Não...?
- CARMEN *(Em tom descontraído, cede.)* - Só um pouquinho.
- AUGUSTO Sente-se!
- CARMEN *(Senta-se, feliz, estica os braços, colocando as mãos em palmas por baixo de cada perna. E o faz de forma jovial, na tentativa de fugir à excessiva formalidade que Augusto imprime ao ambiente.)* - É de laranja?
- AUGUSTO É... *(Que havia se levantado para servi-la, observa-a naquela posição, com certo espanto e curiosidade. Carmen percebe.)*
- CARMEN *(Ressabiada.)* - Alguma coisa errada, doutor Augusto?
- AUGUSTO *(Encabulado.)* - O jeito que a senhora está sentada. Assim, os braços esticados, as mãos enfiadas...
- CARMEN *(Recompõe-se.)* - Ah, desculpe-me...
- AUGUSTO Não! Volta, por favor! Fica como a senhora estava. *(Ela volta à posição, mas sem a mesma leveza.)* É que a senhora me faz lembrar alguém. Alguém que se sentava desse jeito, igualzinho...!
- CARMEN Quem...?
- AUGUSTO *(Encantado, sem esconder, contudo, certa perturbação, que se lhe estampa no rosto.)* - Uma... uma amiga dos tempos de colégio. *(Enche a voz, ansioso.)* Helena!
- MOLINA Ninguém sabia mais sobre o amor do que a Gilda. Ela olhava pro cara e sabia tudo sobre ele. O sexo e a alma!

Ela conseguiu desencantar até o Augusto! Ô sujeitinho duro na queda! Foi um sacrifício botar o bundão em cima da Gilda. Mas um dia o romântico não resistiu. E créu! Eu e o Fernando ficamos lá fora, esperando. Ele saiu com uma cara de bunda... Sabe aquela bunda satisfeita, Berda? Era a cara do Augusto.

FERNANDO Quem me apresentou a Gilda foi o Molina. Não nego. Chegou um dia no colégio dizendo que tinha conhecido uma puta sensacional. Me apresentou a Gilda como se fosse o cafetão do pedaço! Mas quem ia lá e créu era eu. O Augusto era outro. Custou a trepar pela primeira vez. Eu quase tive que colocá-lo em cima da Gilda. A mãe não deixava o babaca fazer nada. *(Gargalha e debocha.)* Aquele dia finalmente o pintinho broxa saiu do ninho!

MOLINA Berda! Onde está a garrafa de uísque?

BERTA O senhor bebeu tudo ontem à noite, esqueceu?

MOLINA Uma dose só, Berda! Prometo!

BERTA Deixa pra beber amanhã, na festa da sua filha.

MOLINA *(Descontrola-se.)* – Eu quero o meu uísque agora!

FERNANDO O babaca do Molina queria me levar até o quarto da Gilda! Como se eu precisasse disso. *(Imitando, com deboche.)* Você vai ver que mulherão, Fernando! Primeiro que puta não é mulherão. Mulherão é o que você vê no cinema. Na TV. Até na rua, de vez em quando. *(Raivoso.)* O caralho, Molina! Eu não tenho medo de mulher. Nunca tive!

CARMEN *(Augusto beberica o uísque, as feições denotam certa excitação, enquanto Carmen, um pouco mais íntima que o normal, de um modo provocativo, senta-se no banco.)* - Me fale mais sobre a Helena?

AUGUSTO *(Levanta-se, está indeciso. Observa-a.)* - A senhora não se incomoda?

CARMEN *(Ansiosa.)* - Quantos anos ela tinha, doutor Augusto?

AUGUSTO *(Aproxima-se, a princípio tenso, observa-a. Carmen se coloca na posição de Helena.)* - Dezesete anos. *(Afasta-se, Carmen toma ares de menina de dezessete anos.)* Helena tinha um olhar perdido. Um olhar inteligente. Silencioso. Silencioso e triste! Um olhar que sabe tudo, mas que está perdido, indefeso. Assim era Helena. *(Observa Carmen.)* Ela tinha os cabelos um pouco mais curtos que os da senhora. Só que jogados pra frente. Como era linda! Era dessas belezas que você encontra na rua, mas que você só percebe se prestar atenção. Aí não dá mais pra tirar o olho. *(Divaga.)* Ela gostava de ficar sentada num banco que tinha debaixo da amendoeira. No intervalo das aulas, ela ia pra lá. Arredia, o olhar distante, mas pronta para amar. Entende quando uma menina está precisando amar e ser amada?

FERNANDO Coisa boa lembrar aquele tempo...! Gilda me recebeu na porta, com aquele robe rosa-preto. Quando vi a puta ali em pé, o robe meio que aberto, a xoxota saltando pra fora das coxas, não aguentei. Cacei-lhe a boca, agarrei suas coxas, joguei a puta na cama e créu! *(Gargalha.)* E o Molina pensando que tinha descoberto a América!

AUGUSTO *(Carmen sentada, em posição de Helena.)* - Eu ficava de longe observando Helena nessa posição. Sentada lá no banco, debaixo da amendoeira. Eu nunca ia lá. Nós conversávamos na sala de aula, na cantina, mas eu nunca ia à amendoeira. Sozinho nunca. Só com o Molina e o Fernando. Mas naquele dia eu tomei coragem. Eu estava nervoso, dona Carmen! *(Ri, nervoso.)* Há muito tempo que eu queria me aproximar dela. Protegê-la! Eu precisava protegê-la! *(Altera-se.)* O Molina e o Fernando queriam sacanear a Helena!

CARMEN Sacanear como, doutor Augusto?

AUGUSTO Era o último ano do colégio... faltavam só três meses... tínhamos feito uma aposta. Pra ver quem chegava primeiro na Helena.

CARMEN *(Entendendo.)* - Ahn!

AUGUSTO *(Apressa-se, encabulado.)* - Helena sabia mais de

matemática que todo mundo. Ela sabia tudo! O Fernando dificilmente resolvia. Às vezes, o Molina. (*Exalta-se, em estado de admiração.*) O professor nunca perguntava pra Helena. Era uma competição. Quando passava por todo mundo, aí o professor erguia o queixo e olhava pra Helena. Ela respondia, sem mexer os olhos. Seus olhos tristes!

FERNANDO (*Quase soletrando, impressionado.*) - A porra daquela mulher não usava calcinha! Só me recebia de robe, a xoxota de boca aberta, fedendo a perfume barato! E o porra do Molina me enchendo o saco!

*Fernando e Molina aos 15 anos.*

MOLINA É tudo mentira. A Gilda me garantiu. Você não tirou a calcinha dela.

FERNANDO (*Confiante.*) - Quer que eu conte como é que foi?

MOLINA (*Avança, Fernando se esquiva.*) - Tirou porra nenhuma!

FERNANDO (*Provoca.*) - Quer dizer que você prefere acreditar naquela puta rameira?

MOLINA Eu revistei tudo. Armário, colchão, bolsa, não encontrei a merda da calcinha vermelha. Como é que você tira uma calcinha que não existe?

FERNANDO Não encontrou... nem vai encontrar.

MOLINA (*Agarra Fernando pelo braço.*) - Você está mentindo, porra!

FERNANDO (*Afastando-se, irônico, tira a calcinha vermelha do bolso e exhibe.*) - Ela agora é minha!

*Molina, Fernando e Augusto aos 44 anos.*

- AUGUSTO Eu não fui à festa de aniversário da filha do Molina. Queria muito ter ido, mas não pude. Tomei muito uísque sexta-feira, me fez mal.
- CARMEN (*Defendendo-o.*) - O senhor não tomou tanto assim!
- AUGUSTO Três doses.
- CARMEM Falta de hábito.
- AUGUSTO Eu telefonei pra sua casa.
- CARMEN (*Interessada.*) - Quando?!
- AUGUSTO Sábado à tarde. (*Encabulado.*) É que eu não tinha com quem ir à festa.
- FERNANDO Você tem notícias... dele?
- BÁRBARA (*Voz em tom de segredo.*) - Do reitor?
- FERNANDO Dizem que está muito doente, é verdade?
- BÁRBARA Câncer de próstata!
- FERNANDO (*Encolhe-se todo.*) - Ai! Não fala assim!
- BÁRBARA O senhor foi à festa do seu amigo deputado?
- MOLINA (*Beberica.*) - Os putos não foram à festa!
- BERTA Eu disse que eles não iriam.
- MOLINA Eu sei por que eles não foram. (*Pausa.*) A festa foi um sucesso, os putos perderam. É a nossa virada, Berda! Você vai ver as próximas pesquisas. Minha filha estava linda! Mais linda que ela talvez só Helena de Troia!
- FERNANDO Eu gostaria de ter ido à festa do Molina. Só pra ter dado um abraço naquele filho da puta. Tão filho da puta, que escolheu a profissão certa. (*Gargalha.*)

- BÁRBARA (*Segurando alguns papéis.*) - Por que o senhor não foi?
- FERNANDO (*Insinuante.*) - Você teria ido comigo?
- BÁRBARA (*Fingindo-se indignada.*) - Professor!
- FERNANDO (*Sério.*) - Não fui por causa de uma história que aconteceu.
- CARMEN (*Sentada na posição de Helena.*) - O que aconteceu naquele dia no colégio, quando o senhor se aproximou da Helena?
- AUGUSTO Aquele dia ela estava alegre. O olhar dela não era tão triste. (*Volta-se.*) Só ela havia conseguido resolver a charada que o professor tinha dado em sala de aula. (*Vibra.*) E que charada...! O Molina quase chegou lá. Mas se perdeu no final. (*Pausa.*) Vou contar um segredo, dona Carmen.
- CARMEN (*Encantada.*) - Sim, Augusto! (*Finge se desculpar pela intimidade.*) Quer dizer, doutor Augusto!
- AUGUSTO Tudo bem, fique à vontade.
- CARMEN (*Ela insinua-se, ele fica encabulado.*) - Por que o senhor nunca se casou?
- AUGUSTO (*Reage.*) - Um dia eu pretendo me casar!
- CARMEN (*Ainda insinuante, solta.*) - Esse é o seu segredo?
- AUGUSTO Não! (*Vai até a mesa e beberica. Carmen está em posição de Helena.*) É que naquele dia eu também havia conseguido resolver a charada. A Helena e eu! Foi a única vez que eu havia conseguido. (*Está fortemente abalado.*) Só nós dois, a Helena e eu. Fiquei tão feliz...! Não era um prenúncio, dona Carmen?
- CARMEN O senhor não mostrou ao professor?
- AUGUSTO Não. Ele não me perguntou. O professor só olhava pra Helena.

- CARMEN Mas o senhor devia ter dito!
- AUGUSTO (*Vai por trás de Carmen e se aproxima, devagar.*) - Eu só queria dizer isso pra Helena. Era o meu segredo. Eu queria que só ela soubesse. (*Imitando, intensamente.*) Eu estava nervoso como no dia em que fui visitar a Gilda pela primeira vez!
- CARMEN (*Virando-se, com ciúmes.*) - Quem é Gilda?
- AUGUSTO (*Ríspido.*) - Ninguém, dona Carmen, ninguém.
- MOLINA (*Beberica, está bêbado.*) - Minha filha, quinze anos, quem diria!
- BERTA Muito bonita.
- MOLINA (*Pausa.*) - Eu não conheço minha filha. Nem sei que notas tira na escola. Ela está na oitava série, é isso, Berda?
- BERTA (*Censurando.*) - Primeiro ano do nível médio, doutor Molina.
- MOLINA Porra! Também não preciso saber de tudo.
- BERTA (*Irônica.*) - Com certeza.
- MOLINA (*Pausa.*) - Será que alguém já comeu ela?
- BERTA Que falta de respeito, doutor Molina?!
- MOLINA (*Elevando a voz, falseada, por causa da bebida.*) - Se algum filho da puta comeu, não comeu bem.
- CARMEN (*Entra, está nervosa.*) - O filho da dona Jussara ainda está aí, doutor Augusto! Ele disse que não sai daqui enquanto não falar com o senhor.
- AUGUSTO (*Eleva um pouco a voz, em tom autoritário.*) - Eu já disse que eu não vou atender, dona Carmen!
- CARMEN Ele está muito nervoso. Fale com ele, resolve isso logo, doutor Augusto!



- AUGUSTO (*Taxativo.*) - Não resolvo nada enquanto ele não for embora!
- FERNANDO Bárbara!
- BÁRBARA (*Está agora bastante solícita.*) - Sim... professor Fernando!
- FERNANDO (*Autoconfiante.*) - A senhora acha que eu tenho chances?
- BÁRBARA (*Feliz.*) - O senhor já está com um pé na reitoria, professor. Com certeza. (*Baixa a voz.*) A situação do nosso reitor é grave. Gravíssima! O câncer tomou conta de tudo! (*Fingida.*) Triste, não?
- FERNANDO (*Curioso e esfuziante.*) - É! (*Falsamente compungido.*) Muito triste.
- MOLINA Ligando pra quem, Berda?
- BERTA Pro doutor Geraldo.
- MOLINA Você viu como agora ele me abraça? Aquele filho da puta não pode ver cheiro de dinheiro.
- BERTA O senhor tem cinco entrevistas amanhã.
- MOLINA Quer saber como foi que eu decidi ser político, Berda?
- BERTA Melhor o senhor ir descansar, doutor Molina.
- MOLINA (*Ainda fora de controle.*) - Só eu tinha dinheiro pra comer a Gilda! O babaca do Fernando implorou pra comer a Gilda de graça. Queria que eu fosse lá negociar. Eu fui. (*Gargalha.*) Fiz mais, Berda. Consegui foda de graça pra todo mundo! Uma foda por semana pra cada um. De graça! Mas tinha que ser à tarde. (*Encantado.*) A Gilda, a amável e adorada Gilda, colocou sua xoxota à nossa disposição! (*Bêbado e solene.*) Foi aí, Berda, nesse dia, que eu descobri que eu tinha mesmo era que ser político!
- CARMEN O senhor sempre ficava nervoso quando se aproximava da Helena, doutor Augusto?

AUGUSTO Aquele dia sim, dona Carmen! (*Carmen senta-se em posição de Helena. Augusto levanta-se, agitado, posiciona-se atrás do banco.*) Helena estava lá, no lugar de sempre, sentada daquele mesmo jeito. Eu ia falar com ela, eu não podia engasgar! Minha voz tinha que sair normal. Eu precisava esconder o medo. Mas como era difícil! Eu tinha certeza de que ela ia ficar contente em saber do meu segredo. Eu ia contar pra ela como é que eu tinha resolvido a charada, passo a passo! Eu sabia que o Molina e o Fernando iam aparecer a qualquer momento. Por isso, eu tinha que chegar nela primeiro!

FERNANDO Nós só tínhamos uma hora de xoxota gratuita. Era o combinado. Eu chegava primeiro. Porra, os caras não desenrolavam! Era um custo pra foder. Por isso eu chegava cedo e resolvia logo o meu problema.

*Molina, Fernando e Augusto aos 15 anos.*

FERNANDO Eu cheguei primeiro, e daí?

MOLINA Ontem também você chegou primeiro, porra!

FERNANDO Não me enche o saco. Eu cheguei exatamente às quinze horas.

MOLINA (*Nervoso.*) - Mentira! Eu cheguei faltavam dez pras três e você já estava lá fodendo.

FERNANDO Ah! Então, você também queria dar o golpe...!

AUGUSTO Vocês estão brigando por causa de uma foda?

FERNANDO E você acha pouco, babaca? Por que vocês não procuram outra puta?

MOLINA A Gilda é minha! Vocês estão aqui graças a mim!

FERNANDO Ô caralho, e lá puta tem dono?

- MOLINA Tem sim! É de quem paga mais.
- FERNANDO (*Pausa. Irônico.*) - Ihh! Agora falou o pica de ouro!  
(*Para o Augusto, gracejando.*) O fodinha paga...!
- MOLINA Se precisar, eu pago sim, e daí?
- FERNANDO (*Ironizando.*) - Vamos fazer o seguinte. O Augusto e eu comemos ela de graça até as quatro. Depois, você vem e paga.
- MOLINA (*Avançando sobre Fernando, agarra-o pelo pescoço.*) - Seu cretino! (*Augusto aparta.*) Augusto, você fodeu a Gilda semana passada?
- AUGUSTO (*Inseguro.*) - Não.
- MOLINA (*Para o Fernando.*) - Está vendo? Você tomou conta dela! Cafetão da porra! Trapaceiro!
- FERNANDO (*Gracejando.*) - Então, vamos resolver essa merda de forma diferente. Vamos ver quem ela prefere. Somos três. Vamos chegar juntos, e ela escolhe. Se ela quiser foda de verdade, me escolhe. Se quiser conversa fiada, é você, Molina. (*Molina parte para cima do Fernando, ele foge.*) Se for um sarrinho, serve o Augusto.

Augusto aos 44 anos.

- AUGUSTO (*Posiciona-se atrás de Carmen, que se mantém sentada, na posição de Helena.*) - Parei a uma certa distância dela, prendi a respiração, fiquei tomando coragem e falei! Eu não me lembro do que eu disse. Só me lembro que ela se virou e sorriu pra mim. (*Exalta-se.*) Como se já me esperasse! E sabe o que me aconteceu? Um milagre! (*Vai até a mesa e beberica.*) Um milagre, dona Carmen! Perdi o medo. Não estava mais nervoso. Meus olhos enxergavam tudo. Minha voz era firme. Era como se eu tivesse me transformado num... homem! (*Admirado.*) Me

lembro como se fosse hoje! Helena diante de mim, com olhos apaixonados. Ela era uma mulher, e eu não havia me dado conta! Não era como a Gilda. Era diferente! Dei a volta, me sentei no banco, ao lado dela. *(Faz o mesmo.)* Aí eu disse. Genial, Helena. A charada. Só você conseguiu! Sabe o que ela me disse, dona Carmen?

*Augusto, aos 17 anos, com Helena.*

HELENA *(Angustiada.)* - Eu já conhecia aquela charada, Augusto.  
 AUGUSTO *(Espanto.)* - Já?!  
 HELENA Meu pai tem um livro de charadas chinesas na biblioteca dele.

*Molina e Fernando chegam junto a Augusto e Helena, todos aos 17 anos.*

MOLINA Você conhecia aquela charada, Helena?! Você trapaceou.  
 HELENA *(Zangada e séria.)* - Eu não conhecia.  
 FERNANDO Eu não acredito em você, Helena.  
 HELENA Não é tão difícil assim. Só é diferente porque é uma charada chinesa.  
 MOLINA Está vendo! Você sabe até a origem dela!  
 HELENA *(Sentindo-se um pouco acuada.)* - O professor me disse.  
 FERNANDO *(Debruçando-se.)* - Lá-lá-lá! É pecado mentir, Helena...!  
 AUGUSTO Vocês estão com inveja, só porque ela foi a única a resolver!

*Molina, Fernando e Augusto aos 44 anos.*

- MOLINA Berda!
- BERTA Já sei o que o senhor está querendo. Escondi, sim!
- MOLINA *(Grita.)* - Mas quem você pensa que é?
- BERTA O eleitor está percebendo suas olheiras, e o partido está preocupado.
- MOLINA *(Alterado.)* - Que se dane o partido! Que se foda o eleitor! Quero meu uísque!
- CARMEN *(Augusto folheando o processo.)* - Dona Jussara entrou com pedido de anulação do acordo porque ela precisa do dinheiro. Ela, coitada, fez aquele acordo pensando que fosse o melhor. Foi um erro, o senhor sabe disso. Ela não sabia que estava doente. O senhor pode anular o acordo, a lei permite. É uma questão humanitária! Ela precisa do dinheiro pra fazer a cirurgia.
- FERNANDO Bárbara!
- BÁRBARA *(Formal, mas solícita.)* - Pois não, professor?
- FERNANDO Como está meu eleitorado?
- BÁRBARA *(Eufórica.)* - Conseguimos mais uma adesão. O professor Valdivino, da Física! O senhor pode se considerar o próximo reitor. É questão de tempo.
- FERNANDO *(Compungido.)* - Tem notícias...?
- BÁRBARA Não são boas...
- FERNANDO *(Pressuroso.)* - E aí...?
- BÁRBARA *(Com indisfarçável alegria.)* - O câncer avançou mais um pouco.

FERNANDO (*Esperançoso.*) - Ainda bem que esse câncer não para de avançar.

BERTA O senhor não está subindo nas pesquisas. As eleições são daqui a quinze dias. Seria bom o senhor diminuir a bebida.

MOLINA (*Irritado.*) - Como se o uísque fosse o culpado!

BÁRBARA (*Mostra uma folha de jornal.*) - Descobri essa charada no jornal. Achei boa. Meu marido não conseguiu resolver. É mais uma pro seu livro!

FERNANDO (*Olha o jornal, interessado.*) - É só a gente mudar umas palavras.

MOLINA Uma dose só...

BERTA Não!

MOLINA Eu não sou nada sem meu uísque, Berda! Culpa da Gilda, que me ensinou a beber.

FERNANDO O Molina precisava beber pra foder. Molina, o broxa! Ele tinha raiva de mim. Só porque eu já chegava engatado! (*Gargalha.*)

*Molina, Fernando e Augusto, aos 15 anos, na cantina do colégio.*

MOLINA Vamos ter que organizar essa foda. Virou bagunça! (*Tom incisivo.*) Vai ter que ser um dia pra cada um.

AUGUSTO Pra mim, tudo bem.

MOLINA Ouviu, Fernando?

FERNANDO Não fui eu que baguncei a xoxota da Gilda!

MOLINA (*Agressivo.*) - Quem foi então, babaca?

- FERNANDO (*Intencional.*) - Eu só preciso de cinco minutos, cara!
- MOLINA (*Exalta-se.*) - Cuspir esperma é a única coisa que você sabe fazer!
- FERNANDO Pelo menos, eu não preciso ficar dando uísque pra eles saírem.
- MOLINA (*Avança sobre Fernando.*) - Idiota!
- AUGUSTO (*Intervindo.*) - Calma, gente!
- MOLINA A Gilda tem razão. Você é um chato. Um porre!
- FERNANDO (*Que havia-se afastado. Ofendido.*) - A Gilda só tem que fazer duas coisas. Calar a boca e abrir as pernas!
- MOLINA Já falei com a Gilda. Segunda, terça e quarta, um dia pra cada um. Ela topou!
- FERNANDO (*Apressa-se.*) - Eu fico com a segunda.
- MOLINA A segunda já é minha!
- FERNANDO (*Silêncio. Recua.*) - Então, vamos decidir na porrinha.
- MOLINA (*Agressivo.*) - Por que não na porrada!?
- AUGUSTO (*Tentando contemporizar, apressa-se.*) - Eu fico com a terça-feira.
- FERNANDO (*Volta-se para Augusto.*) - Aqui broxa não canta de galo! Cai fora! A terça já é minha.
- AUGUSTO Na quarta, eu não posso.
- FERNANDO Problema seu!
- MOLINA É pegar ou largar, Augusto!
- AUGUSTO (*Conforma-se.*) - Está bem. Eu fico com a quarta.

*Molina, Fernando e Augusto aos 44 anos.*

- MOLINA *(Beberica, está levemente embriagado.)* - Eu já falei pra você, Berda, porque minha filha se chama Helena?
- BERTA *(Enfadada.)* - Já, doutor Molina.
- MOLINA Gosto do nome. *(Saboreia.)* Helena!
- CARMEN Eu posso entrar, doutor Augusto?
- AUGUSTO *(Alegrando-se com a chegada de Carmen, interrompe o gesto de folhear o processo. Parece um pouco abatido.)* - Lógico.
- CARMEN Eu queria dar uma... sugestão.
- AUGUSTO Claro!
- CARMEN Andei verificando e descobri que em caso de situações extremas, quando surge um fato novo, a lei permite anular os acordos.
- AUGUSTO *(Irritado com a intromissão de Carmen.)* - A lei não diz que cegueira é uma situação extrema, dona Carmen!
- CARMEN Mas o senhor pode interpretar dessa maneira... Afinal, dona Jussara está ficando cega.
- AUGUSTO Quem disse? O filho dela?
- CARMEN *(Sente-se acuada, mas não desiste.)* - Só acho que o senhor podia olhar com mais carinho a situação...
- AUGUSTO *(Agressivo.)* - A Justiça é cega, dona Carmen, esqueceu? A Justiça não é uma entidade filantrópica! *(Silêncio.)* Nem sempre podemos fazer o que queremos.
- CARMEN *(Anima-se.)* - Podemos sim, doutor Augusto. O senhor é o juiz!
- AUGUSTO A senhora acha que eu não quero?



- CARMEN Não foi isso que eu quis dizer.
- AUGUSTO (*Inseguro.*) - A senhora acha que eu não sou honesto...
- CARMEN (*Senta-se no banco.*) - Não! Pelo contrário! Vejo tudo isso como um excesso de dignidade.
- AUGUSTO De fato. Meu erro é ser uma pessoa digna demais.

*Molina, Fernando e Augusto aos 17 anos, na cantina do colégio.*

- MOLINA (*Observando Helena sentada.*) - Realmente, nessa posição, Helena fica linda. O Augusto tem razão.
- FERNANDO Eu preferia ver Helena em outra posição.
- AUGUSTO (*Ofendido.*) - Você só fala merda, Fernando!
- FERNANDO Se você está apaixonado, vai lá! (*Debochando.*) Dá beijinho! Meu negócio é outro, cara! Eu vou arrambar! Escrevem o que eu estou dizendo. O ano está acabando e ninguém até agora... crêu nela! Muito menos você, (*Debochando.*) queridinho!
- AUGUSTO (*Ressentido.*) - Eu não estou a fim dela.
- FERNANDO (*Reage.*) - Então, não empata a foda!
- MOLINA Calma, gente! Tudo bem que a Helena é difícil, mas nós vamos conseguir. Só precisamos de uma estratégia.
- FERNANDO (*Irônico.*) - Falou o general.
- MOLINA (*Desafiante.*) - E o fodão pensa em fazer o quê?
- FERNANDO (*Atrapalha-se.*) - Meu esquema já está armado. Pintou um lance. É. (*Disfarça.*) Mas eu não vou contar.
- MOLINA Você não é o cara mais indicado pra chegar na Helena.

FERNANDO (*Entre irônico e irritado.*) - Quem é? O pau bêbado?

MOLINA Você pega pesado, vai espantar a garota;

FERNANDO Ô caralho! Você acha que ela precisa de pica de algodão, é?

MOLINA (*Impaciente.*) - A Helena ainda é virgem! Ela tem muitas barreiras psicológicas.

FERNANDO Como é que você sabe que ela é virgem?

MOLINA Só olhar pra ela. Veja como ela anda.

FERNANDO E o que é que isso tem a ver com a xoxota?

AUGUSTO Ela é virgem, sim! Boto a minha mão no fogo!

FERNANDO (*Graceja. Ri.*) - Devagar, cara. Basta o dedo.

AUGUSTO (*Irritado.*) - Vai se foder!

MOLINA Ela tem uma quedinha por você, Augusto. Você é o cara indicado.

AUGUSTO (*Fingindo-se irritado.*) - Ela não gosta de mim.

FERNANDO Falou o broxinha!

MOLINA (*Irritado.*) - Cale a boca, Fernando!

FERNANDO (*Posiciona-se, cômico.*) - Minha pica está pronta.

*Molina, Fernando e Augusto aos 44 anos.*

BÁRBARA Professor, precisamos tirar fora algumas charadas.

FERNANDO Mas por quê?

BÁRBARA Por causa dos direitos autorais.

- FERNANDO E lá charada tem direito autoral, Bárbara?
- BÁRBARA Quinze delas, que eu vi, são do Malba Tahan.
- FERNANDO Mas agora são minhas!
- BÁRBARA Torcer para que as outras também não tenham autoria.
- FERNANDO (*Desconsolado*). - Mas eu tenho mesmo que tirar?
- BÁRBARA O senhor não pode publicar uma coisa que é de outro.
- FERNANDO (*Entre exaltado e desolado*). - Mas se for assim, eu nunca vou poder publicar um livro de charadas!
- AUGUSTO (*Para Carmen, sentada no banco*). - Quer um licor?
- CARMEN Da outra vez, os três copinhos me atrapalharam as pernas (*Ri*.)
- AUGUSTO A senhora tem apenas que bebericar. (*Pausa. Serve Carmen, bebericam*.) Se a senhora sorver um golinho a cada dez minutos, com certeza vai poder tomar licor o dia inteiro, sem que as pernas... atrapalhem. (*Riem, ele sem perder a seriedade. Enigmático*.) Sabe, dona Carmen, a senhora que é mulher, talvez possa me ajudar a entender uma coisa. Nós homens nem sempre conseguimos entender as mulheres...
- CARMEN É por isso que vocês sofrem tanto. Ficam inseguros, agressivos. Ciumentos. A maioria das vezes por nada. À toa!
- AUGUSTO Mas a senhora não acha que tem mulher que... exagera?
- CARMEN Como assim...?
- AUGUSTO (*Em tom solene*). - Algumas mulheres são promíscuas demais.
- CARMEN As mulheres querem ser amadas, doutor Augusto. Querem atenção! Por isso, fazem de tudo pra conseguir amor. (*Olhar apaixonado*.) Querem amor, doutor Augusto! Só isso!

- AUGUSTO É certo uma mulher ter... vários homens?
- CARMEN (*Espantada.*) - Como assim vários homens?
- AUGUSTO (*Baixinho.*) - Três! (*Beberica. Exalta-se.*) Ao mesmo tempo! Ali, um atrás do outro! Um na segunda, outro na terça, outro... na quarta! (*Desespera-se.*) Depois, na quinta, na sexta, no sábado...!
- CARMEN Nesse caso, é... uma...
- AUGUSTO É isso mesmo! Permita-me. (*Avança.*) Prostituta!
- CARMEN (*Desolada.*) - Doutor Augusto!
- AUGUSTO (*Sai em defesa.*) - Não! Helena não era uma prostituta!
- CARMEN (*Nervosa.*) - Como não, doutor Augusto?
- AUGUSTO Não! A senhora não está entendendo! Ela era uma menina correta. Corretíssima! Uma mulher de muitos sentimentos bons, ela tinha sonhos, era inteligentíssima, só estava indefesa, perturbada, (*Aumenta a voz.*) ela sofria, não queria aquilo, mas queria, não sei! É por isso que eu não entendo as mulheres!

*Molina, Fernando e Augusto, aos 17 anos, na cantina do colégio.*

- FERNANDO (*Animado.*) - Helena adora cinema.
- MOLINA (*Impaciente.*) - Isso nós já sabemos!
- AUGUSTO Ela viu Bergman.
- FERNANDO (*Para o Augusto.*) - Já sabe, é?
- AUGUSTO Viu Fellini também.
- MOLINA (*Irrita-se, com ciúmes.*) - Vem cá! Qual é o esquema?

FERNANDO O meu esquema eu não vou contar.

MOLINA Você não tem esquema porra nenhuma!

FERNANDO A aposta não é pra ver quem chega primeiro?

MOLINA É óbvio que alguém vai chegar primeiro. Mas o lance é a divisão! Esse é o trato. Os três vão comer. Por isso, temos que agir em conjunto. Sem assustar a menina.

FERNANDO Eu vou ser o primeiro e vou chegar sozinho.

MOLINA Não esqueça que a Helena é complicada. É o tipo de mulher que exige muito cuidado. Em três, é mais fácil que sozinho.

FERNANDO Só cabe um de cada vez.

AUGUSTO Cale essa boca, Fernando!

MOLINA (*Interfere.*) - Vamos brigar ou vamos comer a Helena? A classe não pode ficar desunida. (*Pausa.*) Posso falar?

FERNANDO Fala, fodão!

MOLINA A resistência dela está na cabeça.

FERNANDO (*Ironizando.*) - Pensei que estivesse na xoxota!

MOLINA Cala a boca, caralho!

AUGUSTO (*Agitado.*) - Por que é que a gente não desiste dessa brincadeira?

FERNANDO Broxou...!

MOLINA (*Animado.*) - Calma, pessoal! Eu já saquei. Eu sei como conquistar a Helena. Ela precisa pensar menos.

FERNANDO (*Fazendo cooper.*) - Opa! Vamos foder a inteligência dela? É isso, meu general?

MOLINA É por aí! Nós vamos ser mais espertos que ela. Vamos inverter o lance. Ela tem que ficar por baixo. Se sentir

burra. Aí ela vai querer chamar atenção. (*Satisfeito.*) Eu conheço as mulheres! Elas precisam chamar a atenção. A Helena não é diferente.

FERNANDO (*Gracejando.*) - É aí que entra a xoxota...?

MOLINA Exatamente! Ela tem que se sentir burra. Burra, e depois carente.

FERNANDO Essa foda está planejada demais pro meu gosto.

MOLINA O lance é simples. A gente sempre resolve charadas com ela. Ela mata tudo. Vamos inverter essa relação. Basta a gente conseguir umas charadas que ela não consiga resolver. Ela vai ficar insegura. Carente. Perdida!

FERNANDO (*Gaiato.*) - Aí eu vou lá e créu!

*Molina, Fernando e Augusto aos 44 anos.*

BERTA (*Mais maternal que sensual.*) - Doutor Molina, não se desespere. O senhor vai conseguir. O senhor sempre consegue tudo! Na última eleição, o senhor também ficava aí, achando que o mundo ia desabar. Está certo que desta vez a coisa está pior. O povo não esqueceu o caso da empreiteira. Mas, lembre-se, eleitor a gente só conhece na boca da urna! (*Abraça Molina.*) O senhor é um touro! Mas, às vezes, mais parece uma criança.

BÁRBARA (*Mais sensual que maternal.*) - Professor, não fique chateado, eu vou ajudá-lo. Meu marido também adora charadas. Ele sabe um monte. Umas, ele até inventa. O senhor será o novo Malba Tahan! O senhor é talentoso! Mas agora o senhor vai ter outras preocupações. (*Baixando a voz.*) O reitor foi afastado. O cargo já está à disposição! Ah, professor, o senhor, quando fica assim, parece um menino contrariado! (*Abraça-o.*) Ânimo!

CARMEN (*Apaixonada.*) - O senhor está tão calado hoje! O que é

que está acontecendo? Não precisa julgar a favor de dona Jussara. Lógico que não! O senhor não é culpado pela cegueira dela. Se há um culpado, é Deus! Não precisa ficar desse jeito. Não gosto de ver o senhor assim, triste. Eu sei, o que importa é sua consciência! Gosto quando o senhor parece um menino desamparado.

MOLINA Falta uma semana para a eleição, Berda. Uma semana! Vou contratar outra maquiadora. Aquela que você me arranjou é horrível! Vou melhorar minha imagem. O povo é cego, mas gosta de boa aparência.

AUGUSTO Amanhã, vou julgar o processo da dona Jussara. (*Irritado.*) Mas não aceito pressão. Vou ouvir a lei. Só a lei!

CARMEN O que foi que a Helena disse ao senhor sobre a charada chinesa, doutor Augusto?

*Augusto aos 17 anos, sentado com Helena no banco do colégio, debaixo da amendoeira.*

HELENA Você acha mesmo que eu sou capaz de resolver uma charada difícil daquelas?

AUGUSTO Você sempre resolve!

HELENA Meu pai tem um livro de charadas chinesas na biblioteca dele. Essa de hoje eu já conhecia. Meu pai tinha resolvido ela pra mim.

AUGUSTO Seu pai?!

HELENA Eu não conseguia resolver.

AUGUSTO É porque seu pai estava te deixando nervosa.

HELENA Eu sempre tenho que provar pra ele que eu sou inteligente.

- AUGUSTO Mas você é inteligente!
- HELENA Meu pai não pensa assim.
- AUGUSTO Como não?
- HELENA Um dia eu consegui uma puta solução. Fiquei muito feliz. Fui correndo contar pra ele. Papai, eu sou um gênio! Sabe o que ele me disse? Se você fosse realmente um gênio, você resolveria todas as charadas desse livro!
- AUGUSTO *(Agoniado.)* - Como é que eu posso te provar que você é inteligente?
- HELENA É o que eu tento fazer o tempo todo pro meu pai...  
*(Começa a chorar.)*
- AUGUSTO Mas você é inteligente! *(Desajeitado.)* Muito inteligente. Inteligente e bonita!

*Molina, Fernando e Augusto aos 44 anos.*

- MOLINA *(Beberica.)* - Quer saber como eu conquistei a Helena, Berda?
- BERTA Estou conferindo a agenda pra amanhã. Se prepare. Serão cinco comícios e quatro visitas.
- MOLINA Pô, Berda, você quer me ouvir?
- BERTA *(Distante.)* - Eu estou ouvindo...
- MOLINA Em um mês, eu estudei mais de mil charadas! Detonamos todas, o Fernando e eu. Esse era o segredo que o babaca do Fernando não percebia. Tínhamos que fazer Helena se sentir burra. Deprimida. Indefesa. Mais sozinha do que já era. A mãe não estava nem aí pra ela. O pai era um estúpido. Tudo arrumadinho pra eu dar o bote. E eu dei, Berda!



BERTA *(Ainda conferindo a agenda.)* - Parabéns, doutor Molina.

MOLINA Umás charadas fáceis, depois uma difícil. Ela conseguia. Umás fáceis, uma difícil. Um dia encontrei uma charada chinesa, extremamente difícil. Passei pro professor dar em sala de aula. Eu queria humilhar a Helena em público. Mas, porra! Não é que ela foi a única que conseguiu resolver? Não me pergunte como! Ela já conhecia aquela charada, só podia ser. Ah! Mas eu tinha outra na manga! *(Beberica.)* Eu pensei comigo. Eu destruo essa menina. Ela não é mais inteligente do que eu.

*Helena e Augusto sentados no banco do colégio, debaixo da amendoeira. Molina e Fernando em pé, todos aos 17 anos.*

MOLINA *(Tirando um papel do bolso.)* - Tudo bem. Se você conseguiu resolver a que o professor te deu, então esta vai ser fácil. *(Esnobando.)* Pra mim, foi. *(Entrega o papel para Helena, que passa a lê-lo. Em seguida, Molina toma o papel de volta, brusco, e passa ele a ler, em voz alta. Com ar sério e ameaçador, volta-se para Helena.)* Se você não conseguir resolver esta, vamos achar que você já conhecia a chinesa.

HELENA *(Visivelmente insegura.)* - Deixa eu ler!

MOLINA *(Afasta-se, está excitado.)* - Eu leio pra você. *(Lê.)* A mãe é vinte e um anos mais velha que o filho. Daqui a seis anos, a mãe terá a idade cinco vezes maior que a do filho. Repetin-dooo! *(Lê mais rápido, de propósito, no intuito de deixá-la nervosa.)* A mãe é vinte e um anos mais velha que o filho. Daqui a seis anos, a mãe terá a idade cinco vezes maior que a do filho. Pedese. Onde está o pai?

HELENA Mas o que tem o pai a ver com a história?!

MOLINA *(Sentindo-se vitorioso, provoca.)* - Eu é que pergunto.

HELENA Me dá aqui! (*Implora, insegura, estende a mão.*) Por favor!

MOLINA (*Retarda, depois entrega, enquanto Helena lê.*) - É isso que está aí. Você só vai ter que me responder uma coisa. Onde está o pai. (*Gracejando.*) Ele pode estar na cantina. Pode estar na sala de aula...

FERNANDO Pode estar fodendo a mãe...

MOLINA (*Irritado, para Fernando.*) - Cala essa boca, porra! (*Sério, ameaçador, para Helena.*) Você tem uma hora pra resolver.

HELENA Não faz sentido! A pergunta só pode estar errada!

MOLINA Pensei que você fosse inteligente.

AUGUSTO Mas ela é!

FERNANDO Tão inteligente quanto você, babaca.

MOLINA Não se preocupe, Helena. Mulher bonita e gostosa não precisa ser inteligente.

*Molina, Fernando e Augusto aos 44 anos.*

FERNANDO O que é que esse professor Frederico está querendo, Bárbara? Melar a minha candidatura? Diz pra ele não cruzar o meu caminho! Ele não sabe o quanto eu sou bom pra foder!

*Molina, Fernando e Augusto, no banco do colégio, debaixo da amendoeira, aos 17 anos.*

FERNANDO Que porra é essa que vocês tanto estudam?

MOLINA Calma! Ela só me pediu pra gente ver umas coisinhas de português.

FERNANDO E ontem foram umas coisinhas de história. Golpe pra cima de mim não!

MOLINA Quem está mandando agora no pedaço sou eu. Estamos nos entendendo. Estou mostrando pra ela que, com a ajuda do fodão aqui, ela pode até ser o geniozinho do papai.

FERNANDO Pra que esse trabalho todo, cara? Eu como ela burra mesmo!

MOLINA *(Agressivo.)* - Ela não é burra! O troglodita do pai dela é que quer que ela seja. Por isso que a garota é toda esquisita. Eu tenho a manha! Fica na sua, a hora está chegando. Ela já está caindo na minha.

FERNANDO *(Ri, segurando a genitália.)* - Eu quero que ela caia é na minha!

MOLINA *(Impõe-se pelo tom de voz.)* - Calma, cara! Antes a gente tem que maquiari. Esse é o jogo. A gente enche a bola dela, porque é disso que ela está precisando. Depois, é só deitar na cama.

*Molina, Fernando e Augusto aos 44 anos.*

MOLINA *(Para Berta. Angustiado.)* - Sabe como é que eu consegui comer a Helena, Berda?

BERTA Será que eu preciso lembrar ao senhor que a eleição é amanhã?

MOLINA *(Soca a mesa e grita.)* - Eu sempre venci, Berda! E eu sempre vou vencer! Custe o que custar! Que se dane a ética, que se dane a lei, que se dane o que pensam! O que importa é o que eu penso e o que eu quero!

BERTA *(Irônica.)* - Que o povo não te ouça, doutor Molina!

*Molina, Fernando e Augusto no banco do colégio, debaixo da amendoeira, aos 17 anos.*

FERNANDO E aí, cara? Cheirou a calcinha dela?

MOLINA Se for na gozação, eu não conto nada.

FERNANDO Só tem um detalhe técnico que me interessa. Era virgem?

MOLINA Não sei.

FERNANDO *(Nervoso.)* - Porra, cara!

MOLINA *(Misterioso e garanhão.)* - Me deu um bocado de trabalho...

AUGUSTO Eu não disse que ela era virgem?

MOLINA *(Irritado.)* - Augusto, como você é babaca. A menina é fodona! Caretinha, só você, babacão! A Helena é faminta. Uma cadelinha que você faz assim *(Estala os dedos.)* e ela vem abanando o rabinho. *(Festeja.)* Essa é a nossa Helena!

AUGUSTO Eu não acredito no que você está dizendo.

MOLINA Vai lá e bote duas taças de vinho na cabeça dela.

FERNANDO *(Ansiosamente cômico.)* - Ô deputado do caralho! Você vai ficar discursando ou vai contar como foi?

MOLINA *(Esnobe.)* - Bem. O que eu posso dizer é que me aproximei, *(Faz o gesto com as mãos.)* peguei aquela cinturinha fina e... e...

FERNANDO Comeu porra nenhuma.

AUGUSTO Onde é que foi?

FERNANDO (*Tenso.*) - No motel que a vovó pagou.

MOLINA Foi na cama de matelassê da Gilda. (*Silêncio profundo.*)

FERNANDO (*Realmente admirado.*) - No puteiro...?!

MOLINA (*Ar vitorioso.*) - No puteiro da Gilda.

AUGUSTO (*Descontrolado.*) - Você levou a Helena pra lá?! Você ficou maluco?!

FERNANDO A Gilda... deixou?

MOLINA (*Sorriso perverso, fazendo gesto de dinheiro.*) - Dinheiro, garanhão escroto, dinheiro! Não só deixou como ajudou.

FERNANDO (*Nervoso, sentindo que Molina fala a verdade.*) - Você está blefando! Você não come ninguém. Aqui, ó! Só gogó! Queremos provas. Não é, Augusto?! Provas! Eu vou perguntar pra Helena.

MOLINA (*Abre a braguilha, devagar, e... retira uma calcinha branca, sem rendas, e exhibe-a na ponta do dedo médio, em atitude de troféu.*) Aqui está a prova. (*Fernando e Augusto arregalam.*)

*Molina, Fernando e Augusto aos 44 anos.*

AUGUSTO (*Agitado, deixando transparecer raiva.*) - Dona Carmen!

CARMEN (*Percebendo o nervosismo de Augusto, entra assustada.*)  
- Sim, doutor Augusto!

AUGUSTO Está aqui o processo da dona Jussara. (*Estende o processo numa atitude parecida à da exibição da calcinha. Demonstra certo nojo.*) Julgado.

CARMEN (*Entre ansiosa e curiosa.*) - Ela vai ficar contente!

AUGUSTO Indeferi o pedido.

- CARMEN Como, doutor Augusto?!
- AUGUSTO (*Ainda nervoso, quase gritando.*) - É isso que a senhora ouviu. Indeferi.
- CARMEN Mas ela tem direito. O senhor leu o parágrafo segundo, que eu trouxe ontem?
- AUGUSTO Neguei o pedido. Essa foi a minha interpretação. A lei é clara! (*Pausa. Abaixando a voz.*) Não vou manchar minha consciência só por causa da cegueira da dona Jussara. Fiz o que eu tinha que fazer. O resto entrego nas mãos de Deus!
- FERNANDO (*Nervoso.*) - O professor Frederico pediu pra eu desistir da candidatura. Cretino! Sabe o que ele me disse, Bárbara? Se eu desistir, ele me dá cinquenta charadas de presentes. Inéditas! Ouviu? Inéditas! Depois ele riu. (*Ri, admirado.*) Ele riu... na minha cara!
- BÁRBARA É o desespero, professor.
- FERNANDO Mas ele não estava desesperado.
- BÁRBARA Que cara ele tinha?
- FERNANDO (*Pensa.*) - Bem. Com o perdão da palavra... Cara de cu!
- BÁRBARA O desespero, professor, quando bate à porta, mostra a cara!

*Molina, Fernando e Augusto, aos 17 anos, na cantina do colégio.*

- MOLINA (*Para Fernando.*) - Calma, porra! Parece que nunca comeu uma mulher!
- FERNANDO O babaca do Augusto vai melar tudo. Eu quero ir primeiro!

- MOLINA *(Agressivo, encara Fernando.)* - Quem foi o gostosão que arrombou? Então, quem é que dá cartas aqui? O Augusto vai primeiro.
- AUGUSTO Eu não estou gostando nada disso.
- MOLINA *(Para Augusto.)* - Vai ter que gostar! Você vai primeiro. Está tudo armado com a Gilda.
- FERNANDO E se esse babaca broxar?
- MOLINA O Augusto não vai broxar. Ele gosta dela.
- AUGUSTO *(Tenso, um tanto fora de si.)* - Tem que ser no puteiro da Gilda....?!
- FERNANDO Até parece que você nunca foi lá.
- AUGUSTO Mas é a Helena...!
- FERNANDO Qual a diferença? Tudo é xoxota!
- MOLINA Relaxa, Augusto! O mais difícil já foi feito. *(Para o Fernando.)* Quanto a você, comedor de xoxota, se você assustar a garota, eu arranco sua cabeça do pescoço!
- AUGUSTO Eu não sei se eu vou, não...
- FERNANDO Broxa!
- MOLINA *(Irrita-se com Augusto.)* - Porra, cara! Agora que está tudo armado?! Confia na Gilda! Ela vai preparar a Helena. *(Aborrecido.)* Porra, você vai comer a mulher que você ama!
- AUGUSTO *(Reage.)* - Eu não amo a Helena!
- MOLINA Com essa pra cima de mim!
- FERNANDO Então, faz de conta que ama. Dá na mesma.
- MOLINA Eu vou dar umas dicas importantes pra vocês.
- FERNANDO *(Entre ofendido e irônico.)* - Você acha que um deputado

de merda vai me ensinar a foder?! Ô deputado do caralho, eu como quem eu quiser e como eu quiser.

MOLINA Porra, eu só estou tentando ajudar! Eu conheço a garota. Quem armou o barraco fui eu. E, se eu quiser, eu desarmo! Querem continuar ou querem parar por aqui?

AUGUSTO *(Silêncio.)* - Eu não sei se eu vou.

MOLINA *(Para Augusto, incisivo.)* - Se você não for, o Fernando também não vai.

*Molina, Fernando e Augusto aos 44 anos.*

CARMEN Estou percebendo que o senhor está alegre hoje, doutor Augusto!

AUGUSTO *(Alegre e vivaz.)* - A senhora também me parece bastante... *(Fica encabulado.)* Desculpe-me...

CARMEN *(Apaixonada.)* - Pode falar, doutor Augusto, sintase à vontade... Pra que tanto formalismo?

*Molina, Fernando e Augusto, aos 17 anos, diante do puteiro da Gilda. É uma casa antiga, de portas que se abrem de par em par, exibindo no alto da fachada um enorme letreiro fazendo propaganda de um refrigerante.*

FERNANDO *(Andando sozinho em frente ao puteiro. Molina entra, visivelmente embriagado.)* - Caralho, que demora é essa?

MOLINA O porra do Augusto que é lerdo!

FERNANDO Que merda! Você encheu a cara de novo?!

MOLINA Só uns golinhos, qual o problema?



FERNANDO (*Impaciente.*) - Eu quero entrar.

MOLINA Espere a Gilda chamar.

FERNANDO Vocês estão me sacaneando.

MOLINA Antes de você entrar, eu quero dar umas dicas...

FERNANDO (*Nervoso, descontrola-se.*) - Vai se foder, Molina! Vão se foder, você e suas dicas! Não preciso de receita de bolo pra comer mulher! Comigo, a coisa é bem embaixo. E tem outra coisa. Vamos já dividir os dias pra cada um, que eu não vou ser passado pra trás!

MOLINA (*Irônico, ri.*) – Você ainda nem comeu e já está querendo fatiar o bacalhau?!

FERNANDO Desta vez, a melhor fatia vai ser minha.

MOLINA (*Titubeante, encara Fernando.*) - A sexta-feira já é minha! (*Ouve-se barulho, vira-se, festejando.*) Opa! A nossa adorada Gilda! Chegou sua vez, pinto do caralho! A Helena é toda sua.

*Molina, Fernando e Augusto aos 44 anos.*

FERNANDO (*Confiante, apesar do nervosismo da espera pela indicação da reitoria. Um pouco arrogante.*) - Bárbara, você está aí? Cadê as avaliações? Esses professores estão muito mal-acostumados! (*Pausa.*) Bárbara! (*Grita.*) Bárbara!

BÁRBARA (*Entra correndo.*) - Pois não, Vossa Magnificência!

FERNANDO (*Abobalhado.*) - Vossa... Reitor?! Reitor, eu, o professor Fernando Costa Pinto?!

BÁRBARA A indicação acaba de sair, magnífico reitor!

FERNANDO Eu, magnífico?!

- BÁRBARA Temos que comemorar...!
- FERNANDO Claro! (*Insinuante.*) Onde?
- BÁRBARA Em um lugar especial... Mas não muito caro!
- FERNANDO Nós dois...?
- BÁRBARA Nós três. O senhor, meu marido e eu! (*Insinuante.*) Se ele quiser ir. (*Fernando ri, canastrão.*)
- MOLINA (*Olha para o jornal.*) - Como é que estão as pesquisas, Berda?
- BERTA (*Animada.*) - Boas, doutor Molina!
- MOLINA Eu sou um homem honesto, Berda! Temente a Deus. Pai de família! Eu nunca me envolvi com merda nenhuma!
- BERTA O senhor tem o povo do seu lado, doutor Molina!
- MOLINA Ainda bem que o povo é sábio.
- FERNANDO (*Alegre, solto.*) - Decidi. Vou votar no deputado Molina, meu amigo do peito. Ele merece. É um puta cara. Se for eleito, vou ligar pra ele. Aprontamos muita coisa juntos. Tenho saudades!
- MOLINA (*Enchendo o copo de uísque, bêbado.*) - Não há mais nada que eu possa fazer. Agora, é só beber e esperar.
- BERTA Vamos precisar de pelo menos trinta e três mil votos.
- MOLINA Vamos conseguir trezentos mil! Trezentos mil imbecis vão votar mim, Berda!

*Helena está sentada no banco do colégio, debaixo da amendoeira, lendo alguma coisa num caderno. Augusto chega por trás, cauteloso, aos 17 anos.*

- HELENA *(Enquanto fecha o caderno.)* - Você me assustou!
- AUGUSTO Passou de ano?
- HELENA Acho que sim. E você?
- AUGUSTO Fui bem na prova. Acho que deu. *(Pausa. Augusto encabula-se um pouco.)* Vamos ao cinema hoje?
- HELENA Não. Vamos à casa da Gilda.
- AUGUSTO Eu queria ir ao cinema!
- HELENA Podemos ir no sábado, com o Molina e o Fernando, se você quiser.
- AUGUSTO Por que não hoje, comigo?
- HELENA Não sou sua namorada.
- AUGUSTO Mas eu queria ir com você.
- HELENA *(Ressentida.)* - Mas eu não quero. *(Pausa. Carinhosa e triste.)* Hoje eu vou ficar sozinha com você, esqueceu?
- AUGUSTO Podíamos ficar pelo menos um dia sem ir àquele lugar. Fazer outra coisa.
- HELENA *(Implora.)* - Hoje é o seu dia.
- AUGUSTO *(Sério.)* - Então, eu escolho. Vamos ao cinema.
- HELENA *(Ressentida.)* - Não.
- AUGUSTO *(Levantando-se. Cruel.)* - Então, chame o Molina ou o Fernando. Eu não vou à casa da Gilda com você.

*Molina, Fernando e Augusto aos 44 anos.*

- FERNANDO Eu quero que você me ajude a escolher o terno da posse.

BÁRBARA Eu adoraria!

FERNANDO Hoje à tarde.

BÁRBARA (*Insinuante.*) - Pode ser agora, se o senhor quiser.

MOLINA Já dizia minha grande amiga Gilda, com sua sabedoria de puta velha. Se desta vida nada se aproveita, por que então deixar pra depois? Eu melhorei a sabedoria. Acrescentei uma perninha. Se desta vida nada se aproveita, por que então deixar para os outros? (*Silêncio. Introspectivo.*) Helena foi uma das poucas coisas que dividi na vida. Dividi a Helena com dois babacas! (*Beberica, está triste, amargo.*)

BERTA (*Intencional.*) - Está arrependido?

*Helena está sentada no banco do colégio, debaixo da amendoeira, enquanto Molina, Fernando e Augusto, aos 17 anos, estão andando em volta dela, a passos acelerados. Imitam a dança dos índios. A brincadeira consiste em ter direito a beijá-la quem estiver passando em frente dela, quando ela bater palmas.*

HELENA (*Apesar da aparente alegria, esconde em sua voz um nervosismo latente.*) - Um pouquinho mais rápido, rapazes, mais rápido! Fernando, não é marcha, é dança de índio! Isso, Augusto. Ah, como é linda essa dança! É primitiva. Triste! Tocante... Vocês não gostam? Eu adoro!

FERNANDO Eu estou me sentindo um idiota.

HELENA Você não tem sensibilidade, Fernando.

MOLINA Não seja injusta, Helena. Uma porta é mais insensível que ele.

FERNANDO Babaca!

- HELENA E você, Augusto?
- AUGUSTO Faz doer as pernas.
- HELENA Mas você é o que melhor dança! *(Bate palmas. Augusto senta-se ao lado dela e põe-se a beijá-la afetuosamente. Os outros continuam a dançar.)*
- MOLINA Era minha vez.
- FERNANDO Falou o bebê chorão!
- MOLINA É a quarta vez que o Augusto ganha beijo. Eu só ganhei um!
- FERNANDO Eu estou com minha contabilidade em dia. Três!
- MOLINA Devia ser a minha vez, Helena!
- HELENA *(Augusto retoma a dança.)* - Quem escolhe sou eu, Molina. Não foi o que combinamos?
- AUGUSTO Foi.
- FERNANDO Puxa-saco do caralho!
- HELENA Onde é que nós vamos passear sábado?
- AUGUSTO Domingo.
- HELENA Domingo não posso. Vocês sabem que meu pai não deixa.
- FERNANDO Ao shopping.
- HELENA Agora, todo mundo está com essa mania de shopping. Virou moda. Eu não gosto!
- AUGUSTO Pelo menos, a gente não toma chuva.
- HELENA Que tal irmos ao zoológico?
- MOLINA *(Má vontade.)* - Zoológico...?!

- FERNANDO Vamos ao supermercado comprar chocolate e cerveja?
- MOLINA Boa ideia!
- HELENA Onde vamos tomar as cervejas?
- FERNANDO (*Sacaneando.*) - No zoológico.
- MOLINA Babaca!
- AUGUSTO Amanhã, entrará em cartaz um filme muito bom.
- FERNANDO Cinema de novo não!
- MOLINA Concordo com a Helena. Podíamos fazer um passeio diferente. Um piquenique!
- HELENA Eu só posso sair no sábado. Se meu pai deixar.
- MOLINA Por que é que você não dá um pé na bunda desse velho?
- HELENA Porque ele é meu pai, Molina! (*Pausa.*) Quem será que eu escolho agora? (*Bate palmas, Fernando senta-se.*)
- FERNANDO Não me atrapalhe, Molina! (*Põe-se a beijá-la, com estilo.*)
- MOLINA (*Ressentido.*) - O próximo espero que seja eu. (*Silêncio. Nervoso e agressivo.*) Faz tempo que a gente não faz uma competição de charadas.
- FERNANDO Sem essa agora! (*Helena o traz de volta para o beijo.*)
- MOLINA (*Agitado.*) - Eu estou falando com a Helena! (*Eleva a voz. Provoca.*) Você está me ouvindo? (*Pausa. Provocativo.*) Está com medo, Helena?
- HELENA (*Fernando retoma a dança.*) - Cansei de charadas. Já passou a época.
- MOLINA (*Está inseguro.*) - Qual de nós você ama mais?
- HELENA (*Altera-se.*) - É possível dividir o coração em três partes iguais?

FERNANDO Xoxota é!

HELENA Babaca! (*Bate palmas. Augusto se senta, Helena, séria, em tom de ordem*). Não pare de dançar, Molina! (*Ela beija Augusto, é bastante afetuosa*).

MOLINA (*Decidido*.) - Eu sou o próximo.

FERNANDO (*Provocante*.) - Não percebeu que ela está de mal de você hoje?

MOLINA Ela gosta mais do Augusto.

FERNANDO Pra mim, não faz a menor diferença.

HELENA (*Augusto retoma a dança. Ela transfigura-se, está triste, o nervosismo começa a ficar mais evidente*.) - Podíamos ir sábado à casa da Gilda.

AUGUSTO Fazer o quê?

FERNANDO Comer seu rabo, babaca!

HELENA (*Em tom de censura*.) - Sem essa, Fernando! (*Amarga*.) Passaríamos a tarde com a Gilda. Adoro a Gilda. Sabiam que ela tem idade pra ser a minha mãe? Eu podia até trabalhar com ela. (*Pausa*.) O que vocês acham, rapazes?

FERNANDO Contanto que eu não tenha que pagar.

HELENA (*Tenta animar-se*.) - Então?! Vamos lá sábado? Podemos ouvir música. Beber! Beber muito, até cair! Fazer amor! Muito amor!

FERNANDO Suruba não pode, a Gilda é contra.

HELENA (*Amarga*.) - Eu não sou contra. Vocês topam?

MOLINA E meu beijo, Helena?

HELENA (*Entre agressiva e desafiadora*.) - Eu só vou beijar você, Molina, se você resolver uma charada.

MOLINA (*Pego de surpresa, inseguro*.) - Que charada?

- HELENA *(Voz firme.)* - Está com medo?
- MOLINA *(Silêncio.)* - Eu não tenho medo de charada, pode mandar!
- HELENA *(Mágoa na voz. Ou ressentimento?)* - Quero ver se você é bom mesmo.
- FERNANDO *(Provocando.)* - Eu também quero.
- MOLINA Cala a boca, idiota!
- HELENA *(Corta a briga. Firme.)* - Escutem! *(A voz pausada esconde o desespero. Coloca as mãos envolvendo a barriga.)* - É simples, Molina! Sei que você vai conseguir resolver. Vocês também, rapazes. *(Aumenta a voz.)* Pergunta-se. Quem é o pai? *(Os três param súbito de dançar e ficam imóveis, gestos suspensos.)*

*Molina, Fernando e Augusto aos 44 anos.*

- BERTA *(Toca o telefone. Atende, eufórica.)* - Sim! Estamos acompanhando. Fantástico! *(Espantada.)* Se for assim, vamos passar dos trezentos mil votos! Ele só vai falar depois que acabar a apuração. Não, não, ele não está bêbado, não! Está bem, eu digo. *(Desliga. Nervosa.)* Doutor Molina, eu posso tomar um pouco desse uísque?
- CARMEN *(Augusto beberica, está desalinhado. Ela entra, sente-se à vontade.)* - Que tristeza é essa, doutor Augusto?
- AUGUSTO Não é nada, não. É que às vezes... fico pensando...
- CARMEN *(Incentivando-o.)* - Sim...
- AUGUSTO Por que é que temos que achar que somos culpados por tudo o que acontece?
- CARMEN Esse é o mal das pessoas corretas. Sentem-se a palmatória do mundo.



AUGUSTO *(Abaixa a cabeça, está emocionado.)* - Eu não podia fazer nada, dona Carmen!

CARMEN É bom desabafar, doutor Augusto.

AUGUSTO O Molina armou tudo. Ele decidiu tudo! O Fernando também. Me obrigaram a fazer coisas que eu não queria fazer. Os dois queriam que eu assumisse a gravidez.

CARMEN O senhor?!

AUGUSTO Eles colocaram na minha cabeça que eu amava Helena... E que se eu amava Helena, eu tinha que assumir.

CARMEN Mas o senhor não amava?

*Molina, Fernando e Augusto, aos 17 anos, na cantina.*

AUGUSTO *(Reagindo, assustado.)* - Eu não sou o pai!

MOLINA Como é que você sabe?

FERNANDO Agora, ele vai se fingir de broxa.

AUGUSTO *(Nervoso.)* - Por que é que eu tenho que ser o pai?

FERNANDO Porque pode muito bem ser você.

AUGUSTO Não fui eu que comecei essa história.

FERNANDO *(Agressivo e inseguro.)* - Mas gozou! Ou não gozou, seu viado?

AUGUSTO *(Partindo pra cima do Fernando, Molina impede.)* - Olha como fala!

MOLINA Ela é apaixonada por você. E você por ela!

AUGUSTO Eu não sou apaixonado por ela.

- MOLINA Mas ela é por você!
- AUGUSTO E daí?
- MOLINA Daí que as chances de você ser o pai são muito maiores. Paixão facilita gravidez. Isso é científico!
- FERNANDO *(Sem convicção.)* - É. Bastante científico.
- MOLINA Ou assume, ou sugere o aborto!
- AUGUSTO *(Assustado.)* - Eu não vou fazer isso!
- MOLINA *(Duro.)* - Das duas, uma!
- FERNANDO Casa logo com ela, cara!
- AUGUSTO Eu não vou me casar com uma piranha vagabunda!

*Augusto aos 44 anos.*

- AUGUSTO *(Dirigindo-se a Carmen).* - Era claro, dona Carmen, que eles estavam querendo tirar o corpo fora. Mas, no meu íntimo, eu sabia que eu não era o pai.

*Augusto volta para a cantina, junto dos outros, aos 17 anos.*

- MOLINA Tudo bem! Se você acha que não é o pai, eu também acho que não sou. E você, Fernando?
- FERNANDO Estou fora.
- MOLINA Quem é o pai, então? *(Silêncio.)* Sabe qual é a resposta? *(Arregala os olhos.)* Ninguém! Ninguém aqui é o pai. *(Graceja.)* Entenderam? *(Aproxima-se dos dois.)*

Entenderam a charada, seus babacas? Filho de puta não tem pai.

*Augusto aos 44 anos*

CARMEN *(Escandalizada.)* - Meu Deus, e o que o senhor falou, doutor Augusto?

AUGUSTO *(Encabula-se.)* - O Molina não nos deixava falar. Tinha o olhar de um doido. Mas sabe de uma coisa? *(Pausa.)* Achei que ele tinha razão.

*Augusto volta para a cantina, junto dos outros dois, aos 17 anos.*

MOLINA Se o filho não é de ninguém, não temos responsabilidade nenhuma. É assim que nós temos que pensar. E eu tenho a solução. Semana que vem terminam as aulas. Eu já passei de ano, o Augusto também. Só você, Fernando, ainda está enrolado. Então, vamos cozinhar a Helena. Vamos deixá-la pensar que estamos buscando uma solução. Aí acabam as aulas, todo mundo dá o fora. Vai cada um pro seu canto. Acabou. Agora, é cada um pra sua vida. Ela entrou nessa porque quis. Ninguém obrigou. Ela que faça o que quiser. Ela que se entenda com o escroto do pai dela!

FERNANDO Apoiado!

AUGUSTO Mas e se acontecer alguma coisa?

MOLINA Acontecer o quê?

AUGUSTO *(Confuso.)* - Se pegarem a gente. Se ela contar!

MOLINA A menina já era arrombada.

AUGUSTO *(Assustado.)* - Arrombada?!

FERNANDO Babaca, sonso, acorda! Só você que acha que ela era uma santinha.

*Molina, Fernando e Augusto aos 44 anos.*

CARMEN *(Impressionada.)* - O senhor não falou nada, doutor Augusto?

AUGUSTO *(Exaltado, na defensiva.)* - Falar o quê, dona Carmen? Aquilo foi só uma aventura. O Molina tinha razão. Nenhum de nós podia amar uma menina daquela.

FERNANDO Eu estou achando este paletó um pouco apertado.

BÁRBARA Fica normal, solta os braços. Deixa eu ver.

FERNANDO *(Solta os braços, agitando-os um pouco, revelando nervosismo.)* - O que você acha?

BÁRBARA Perfeito, Vossa Magnificência!

FERNANDO Ainda não me acostumei com esse... *(Saboreando.)* Vossa Magnificência...! Magnífico reitor...!

BÁRBARA Não se preocupe, logo os ouvidos se acostumam.

FERNANDO Você acha que eu estou nervoso?

BÁRBARA É normal, eu também estou. Ainda temos uma hora pra posse.

FERNANDO *(Insinuante.)* - Não acha que depois nós dois merecemos uma... comemoraçãozinha especial?

BÁRBARA *(Percebendo a insinuação.)* - Mas nós já comemoramos...!

FERNANDO Sim, mas agora seria pra valer... *(Avançando sobre*

*Bárbara, que recua.) A secretária do reitor...*

BÁRBARA Melhor o senhor ficar calmo, professor!

FERNANDO Estou calmo, só queria relaxar mais um pouquinho.

BÁRBARA *(Fernando toma-a pela cintura e beija-a. Ela coloca as duas mãos contra o peito dele, tentando afastá-lo, mas sem convicção. A luz fecha, mas se ouve de fora, em tom de falsa e sensual censura.)* - Ah, magnífico!

FERNANDO Bárbara! Você é bárbara!

AUGUSTO *(Um pouco alterado, parece bêbado.)* - Na sexta-feira, de manhã, quando cheguei ao colégio, ela estava sentada no banco, naquela mesma posição. Fazia tempo que ela não sentava daquele jeito. *(Carmen senta-se no banco, em posição de Helena.)* O olhar dela estava esquisito. Muito esquisito. Eu percebi que Helena me esperava.

*Augusto aos 17 anos.*

HELENA Eu quero ir pra casa da Gilda com você. Agora.

AUGUSTO *(Seco.)* - É o dia do Molina.

HELENA Eu quero ir com você.

AUGUSTO Não posso.

HELENA *(Magoada.)* - Você não quer ir comigo.

AUGUSTO *(Agressivo.)* - Eu não quero ir àquele lugar.

HELENA *(Desesperada, agarra o braço de Augusto.)* - O que é que está acontecendo, Augusto?

AUGUSTO *(Livrando-se dela.)* - É melhor você ir pra casa, você não está bem.

- HELENA      Eu preciso ir pra casa da Gilda com você!
- AUGUSTO     *(Altera-se.)* - O que você precisa é pedir pra Gilda te ajudar a fazer um aborto. É isso que você devia fazer, aborto!
- HELENA      *(Atônita, afasta-se.)* - Eu vou falar com o Molina. Ele gosta de ir comigo pra casa da Gilda. Eu vou falar com ele...
- AUGUSTO     *(Levantando a voz.)* - Eu acho que ele não vai com você.
- HELENA      *(Sem forças.)* - Ele sempre vai comigo!
- AUGUSTO     Sua burra, não sacou nada, não? Acabou! A festa acabou! Nós três já combinamos, vamos dar o fora! Hoje é meu último dia de aula. Do Molina também. Acabaram as aulas, acabou tudo! Nunca mais vamos nos ver. O Molina não quer saber de você. O Fernando também não. Muito menos eu!

*Molina, Fernando e Augusto aos 44 anos.*

- AUGUSTO     *(Para Carmen.)* - Ela começou a chorar, dona Carmen, eu não sabia o que fazer. Ela estava desesperada. *(Começa a caminhar, a esmo. Tom de voz elevado.)* Eu estava confuso, o que é que eu podia fazer?
- MOLINA      *(Beberica.)* - Vou contar uma coisinha pra você, Berda. É uma coisinha da Helena.
- BERTA        *(Alegre e nervosa.)* - Duzentos e noventa e nove mil votos! Fantástico!
- MOLINA      O povo me ama, Berda!
- BERTA        Ama não, adora! Eu estou nervosa. Cadê o uísque, doutor Molina?
- MOLINA      *(Impaciente.)* - Deixa eu lhe dizer uma coisinha da

Helena, posso?!

BERTA *(Sem dar-lhe ouvidos, pega o uísque e coloca uma dose mínima.)* - Pode, lógico!

MOLINA Depois da aula, a Helena me pegou na cantina e me aporrinhou o saco! *(Arremedo.)* Onde é que está o Augusto? Preciso falar com ele. Ele tinha saído no meio da aula pra ir ao banheiro e não voltou mais. A Helena queria que o Augusto fosse com ela pra casa da Gilda. Ela botou na cabeça que ele tinha que ir com ela. Se ele não fosse, ela ia se matar. *(Arremedo.)* Diz pra ele que eu vou-me matar! Prometi que ia passar o recado. Isso se eu me encontrasse com o Augusto.

BERTA *(Interessada.)* - O senhor encontrou ele?

MOLINA Eu só tinha medo que o Augusto abrisse a boca pra Helena do nosso plano. Eu pedi pra que ele ficasse no banheiro esperando pela gente. Mas o cara sumiu! Sem dizer nada. As meninas vieram encher nosso saco. Estava todo mundo procurando o Augusto. A Helena está muito mal, elas diziam. E daí, caralho, o que é que nós temos a ver com isso? Helena estava louca, correndo pelo colégio. Ela parecia que estava bêbada! Ou dopada, sei lá! Arrastava a voz quando falava. Aquilo dava agonia. E as meninas vinham pra cima de mim O que é que vocês fizeram com a Helena? Porra, não fizemos nada! *(Pausa.)* O Augusto é um merda! Um covarde! Um bosta! Ele amava Helena, por que então caiu fora? Ele sabia que a Helena estava procurando por ele. *(Pausa.)* Berda, como é que eu ia imaginar que a Helena estava falando sério?

FERNANDO *(Segurando alguns papéis com a mão, em pose solene.)* - Este discurso não está muito curto não, Bárbara?

BÁRBARA *(Sorrindo, afetuosa.)* - Dizem que quanto mais curto, mais inteligente ele é.

AUGUSTO O Molina me mandou sair da sala de aula. Pediu pra que eu ficasse escondido no banheiro. Até a gente poder dar o fora. Ele estava muito preocupado com a situação. Medo que a Helena atrapalhasse nossos planos. Helena queria

que o Molina fosse com ela pra casa da Gilda! Era o dia do Molina, ele podia ter ido. Por que é que ele não foi? As coisas teriam sido diferentes.

CARMEN Se ele tivesse ido, com certeza.

AUGUSTO Quando eu soube que a Helena estava atrás de mim, achei melhor ir embora. Eu tinha passado de ano, era meu último dia de aula, nem precisava ter ido. (*Exalta-se.*) Ela já sabia que íamos dar o fora, que não queríamos mais nada com ela, então pra que prolongar a situação? Ela tinha que resolver a vida dela e eu a minha!

CARMEN (*Afetuosamente.*) - Não precisa se preocupar, doutor Augusto. Eu vou cuidar do senhor. Não vou deixar ninguém aborrecê-lo. Nenhum filho de mãe cega! Nenhum advogado! O senhor vai ficar sempre quietinho na sua sala! Não vou deixar ninguém aborrecê-lo.

AUGUSTO Fiquei sabendo da morte da Helena no domingo. (*Silêncio.*) Morreu na cama de matelassê da Gilda. Os pulsos cortados. Não voltei mais ao colégio.

FERNANDO Prezados senhores e senhoras aqui presentes, não tenho mais nada a dizer e aqui encerro meu discurso de posse, reafirmando minha fé em Deus e minha certeza de que amanhã esta universidade estará melhor do que hoje. Peço que minhas ideias sejam plantadas em cada sala de aula e que germinem uma nova era no ensino brasileiro. Os problemas são muitos, sabemos, mas com inteligência e dedicação vamos superá-los. É o que sempre digo. Não há charada neste mundo que não consigamos decifrar! Muito obrigado. (*Inclina-se, em reverência. Aplausos.*)

AUGUSTO (*Sob forte emoção.*) - Eu acho que eu já falei demais.

CARMEN Falar é uma forma de entender.

AUGUSTO De expiar a culpa, a senhora quer dizer.

CARMEN Não! Eu não disse isso! Não estou culpando o senhor de nada. Apenas quero dizer que quanto mais o senhor falar, mais vai se distanciar dos fatos. E melhor vai poder



enxergá-los. Não se culpe. (*Maldosa.*) O senhor não podia mesmo ter ficado com essa Helena.

- AUGUSTO (*Reagindo.*) - Eu não estou me sentindo culpado.
- CARMEN Nem deve. Ela não merece.
- AUGUSTO Mas por que às vezes eu acho que eu devia ter feito alguma coisa?
- CARMEN Claro que o senhor vai se sentir assim. Afinal, o senhor é um homem bom. Firme! De caráter!
- AUGUSTO (*Pausa.*) - Se eu soubesse o que ia acontecer, a senhora acha que eu teria feito alguma coisa?
- CARMEN Com certeza! (*Aproxima-se por trás da cadeira de Augusto e toca-lhe os cabelos.*) Mas o senhor é apenas um juiz, doutor Augusto!
- AUGUSTO É, eu sou apenas um juiz, dona Carmen.
- CARMEN E por isso mesmo o senhor não deve se sentir culpado de nada. (*Quase inaudível, preocupada em acariciar-lhe os cabelos, faz-lhe um gesto para se calar ao mesmo tempo que tenta animá-lo.*) Vamos olhar pra frente, doutor Augusto!
- BERTA (*Está na sacada, fora de cena.*) - Vamos, doutor Molina! Está na hora!
- MOLINA (*Em pé, ajeita o terno. Ouvem-se barulhos, cornetas, palavras de ordem. Agitado, como que falando para si mesmo.*) - Deixa eu ensaiar mais uma vez... Eu não estou encontrando o tom correto. Parece que tudo o que eu falo soa falso. Eu preciso ser convincente, essa é a minha responsabilidade! (*Em tom de discurso, no começo arrastando sutilmente a voz. A luz fecha sobre ele.*) Sabe, meu povo, do que vocês mais precisam? De esperança! Esperança no futuro! Esperança de que tudo vai melhorar. Esperança de que o país um dia será governado pela ética! Não é o que vocês querem? Se livrar da safadeza? Dessa democracia, na qual prevalecem as

artimanhas dos políticos de ocasião? Como se eles fossem os donos da nossa história?! O dono da nossa história é o povo! Só o povo! *(Pausa. Olha para a sacada. Grita, eufórico.)* Gostou, Berda?

*A partir daqui, enquanto Molina continua o discurso, haverá uma sequência de luzes se abrindo e se fechando sobre cada um deles. Primeiro, em Fernando, inclinando-se em reverência, agradecendo aos aplausos, pouco ruidosos, que continuarão ao fundo e depois se unirão aos aplausos dispensados ao Molina. Depois, a luz cairá sobre Augusto e Carmen, agora, sim, se beijando, de um modo suave e intimista, ele sentado, ela em pé, inclinada.*

BERDA *(Entra e, impaciente e nervosa, puxa Molina pela mão em direção à sacada.)* - Vamos! Os trezentos e vinte mil votos estão esperando o senhor, doutor Molina!

MOLINA *(Discursando na sacada, ouve-se-lhe apenas a voz arrastada.)* - Sabem o que é ética? Ética, meu povo, é tudo aquilo que leva ao bem. Tudo aquilo que garante o bem. Quando um povo tem ética, o resto vem naturalmente. *(Eleva a voz.)* Vem o progresso! Vem o bem-estar! Vem a educação! A segurança! O transporte! Vem a felicidade! Foi por isso que vocês me reelegeram. Pra devolver a cada um a dignidade que lhe foi tirada! *(Solene.)* Eu, neste momento, devolvo-lhes a esperança no futuro! *(Aplausos estrepitosos, caindo o pano.)* Eu sou o futuro!

*FIM*

Brasília/DF, 2 de agosto de 2004.